



A agroecologia e a sua relação com ações em prol a Reforma Agrária

RAMOS, Jessica Francisca¹ (IC - jessicafranramos2@gmail.com)

Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Sudoeste, Sede Quirinópolis.
Av. Brasil, 435
Conjunto Helio Leão III
75860000 - Quirinópolis, GO - Brasil
Telefone: (64) 36512285

Resumo: O uso de meios e estratégias para consolidar uma conquista é de fato importante, visto que para almejar uma vitória cada etapa do processo deve ser pensada e analisada. Ao observarmos o uso da estratégia de utilizar a agroecologia na luta pela Reforma Agrária, o Movimento dos Sem Terra (MST) articula não somente a conquista da terra, mas também propicia aos membros e assentados em acampamentos, a possibilidade de produzir seus próprios alimentos de forma ecológica. Desta forma, aprende sobre os conceitos de agroecologia a ver a sua aplicabilidade, pode resultar em quebra de paradigmas. Assim, saber contextualizar os saberes bibliográficos com a sua aplicabilidade real, pode proporcionar maiores diálogos entre a teoria e a prática. O projeto de “A AGROECOLOGIA COMO ESTRATÉGIA DA LUTA PELA DEMOCRATIZAÇÃO DA TERRA E REFORMA AGRÁRIA NO SUDOESTE GOIANO” da Universidade Estadual de Goiás, Campus Sudoeste, Sede Quirinópolis, proporciona tal momento. O projeto foi realizado de forma remota e presencial no acampamento Leonir Orback, localizado no município de Santa Helena, Estado de Goiás. Com enfoque em relacionar a agroecologia como estratégia positiva para as ações do MST na luta pela Reforma Agrária.

Palavras-chave: Reforma Agrária. Luta pela terra. Ferramenta Estratégia. Quebra de paradigma.

Introdução

A agroecologia traz consigo uma grande importância, não só pelo viés ruralista, mas também pelo espaço urbano. Seu objetivo é consolidar a agricultura de forma sustentável, com questões sociais, políticas, ambientais e culturais. O agronegócio vem avançando cada vez mais nos últimos anos e usa como discurso que ele é o responsável por alimentar o mundo, sendo que o seu papel está apenas em hegemonizar a economia e na verdade é a produção agroecológica nos acampamentos e assentamentos que está alimentando toda população mais frágil.



A agroecologia não faz uso de agrotóxicos e nem transgênicos, basicamente utiliza-se de técnicas ecológicas de cultivo com grande sustentabilidade e existe um grande empenho para organizar esse método em um modelo tecnológico, economicamente viável e ecologicamente sustentável. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é um movimento que apoia essa prática, a luta pelo campo não é apenas por território, mas também pela preservação do meio ambiente.

O projeto de pesquisa “A agroecologia como estratégia da luta pela democratização da terra e reforma agrária no sudoeste Goiano” desenvolvido pelo o curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás, Campus Sudoeste – Sede Quirinópolis, tem por finalidade analisar as práticas agroecológicas e suas lutas que vem sendo efetuada por trabalhadores rurais na conjuntura da reforma agrária. Na premissa de conhecer e consciente conforma ressalta PINA et. al. (p. 5, 2018) da “integração dos distintos subsistemas na unidade de produção familiar, na qual as atividades produtivas devem estar interligadas, constitui uma possibilidade de revelar a sustentabilidade sob o ponto de vista agroecológico”.

Desta forma há por objetivo discutir sobre o assunto da agroecologia como uma forma de produzir de maneira sustentável e ecologicamente correta, abordar sobre a realidade de vida dos camponeses nos acampamentos e como eles aplicam a agroecologia em suas produções de alimentos para a própria sobrevivência, discutir sobre a vantagens e desvantagens e todos os desafios que as famílias sem-terra e a sua utilização como ferramenta estratégica na Reforma Agrário pelo MST.

Material e Método

Para a realização deste projeto incluímos materiais de pesquisas e estudos sobre a agroecologia, para qual, buscamos compreender o que é Agroecologia, pois ela engloba uma pluralidade de sistemas produtivos e práticas agropecuárias sustentáveis. Feito a parte bibliográfica, foi realizado pesquisa de campo, que devido a pandemia obtivemos dois momentos presenciais no acampamento Leonir Orback.



Sendo realizando diálogo com as famílias camponesas, de forma coletiva e individual, para compreender como estão lidando com as terras e as relações produtivas no contexto da agroecologia. Com a junção destes dois conceitos metodológicos, foi possível compreender a dinâmica, unificando a teórica com a prática, no que tange o presente projeto.

Resultado e discussão

Ao vemos a agroecologia pelo viés da pratica científica, podemos observar a noção não no singular, mas no plural, quando relacionamos a sustentabilidade com uma das vertentes da ecologia dentro da agronomia. Nesta premissa vemos diversos pontos em convergência, além de observar que é possível renovar, ou melhor, aprimorar os paramentos das atividades no meio rural e urbano para que de primazia para a saúde ambiental, social, individual e coletiva.

Essa seria a materialização de sistemas agropecuários sustentáveis e em harmonia com o meio ambiente, onde se negava, ao mesmo tempo: o princípio básico humanista de domínio e exploração da natureza pela humanidade e as teses conservacionistas da natureza que colocam o meio ambiente enquanto algo que deve ser preservado intactamente. (CARLI, p. 106,2013)

Toda a ideologia do capitalismo implementada no campo passa a ser manifestada pelas relações que o agronegócio estabelece e passa a hegemonizar o campo brasileiro, com a sua dominação, apropriação, exploração, degradação dos recursos naturais, utilização de venenos, uso tecnológicos e maquinários etc. Todo esse conjunto que o agronegócio aborda, nada mais é que a expressão dessa lógica do capitalismo no campo, com a finalidade de produzir mercadorias e não alimentos, portanto a lógica que esse modelo traz é gerar lucros, acumulações e a exploração das pessoas e da natureza que é cada vez maior.

A agroecologia ainda é algo em transição em termos de paradigma agro-pecuário das áreas de reforma agrária no Brasil, apesar de que tal paradigma vem concretamente se solidificando nessas áreas e substituindo, pouco a pouco, o paradigma produtivista dominante. (CARLI p. 109, 2013)



O MST faz uma interpretação da realidade do estágio da luta de classes e adequa a tática aos desafios no contexto aos quais estão sendo inseridos. O movimento define agroecologia como a matriz filosófica, ecológica, política, produtiva e econômica de relações humanas como a centralidade da tática da luta. Nas palavras de BORSATTO e CARMO (p. 222, 2013) o “...MST tem proposto uma nova racionalidade para os sistemas produtivos de seus assentados, edificada sobre bases de sustentabilidade ecológica e equidade social”.

A partir da agroecologia esse movimento dos trabalhadores rurais passa a assumir como um projeto integral, olhando para todas as dimensões da vida, utilizando na essência da agroecologia de se apresentarem como um contraponto radical ao capitalismo no campo. Conforme apontado por Altieri e Nicholls (2000, p. 33 *apud* CARLI, 2013, p. 108) “o conhecimento dos agricultores locais sobre o meio ambiente, as plantas, os solos e os processos ecológicos adquire uma importância sem precedentes dentro deste novo paradigma”.

Considerações finais

O presente projeto visa proporcionar conhecimento aos participantes e, assim, formar novos multiplicadores de saberes. Almejando através dos momentos remotos e presencias a oportunidade de aprender sobre a realidade de um dos movimentos em prol a democratização da terra, o MST.

Fato que o saber é um divisor de águas, nesta premissa pode ser mensurado que houve um saber pré-estabelecido pelas mídias e um posterior a visita no campo. O momento presencial foi de grande valia para mudar o conceito sobre o MST, além do conhecimento, pelas leituras e entrevistas, sobre a agroecologia como modelo saudável e sustentável possível. O presente projeto deve continuar para que seja atingido os objetivos alavancados pelo mesmo.

Nos momentos presenciais, foi possível ver as interações em grupo e o trabalho com a terra. Não sendo conforme tínhamos em mente, devido a um pré conhecimento adquirido através das mídias televisivas. Ao adentrar no acompanhado



estudado, na primeira visita, houve uma quebra de paradigma. A realidade não era como a apresentada pelos telejornais, principal fonte de nosso conhecimento prévio sobre o MST. Vendo pelo viés da luta pela democratização da terra e a reforma agrária, as atividades de cunho ecológico tem grande relevância, pois podem ser sim uma boa estratégia para o MST. No segundo momento presencial, foi uma surpresa, não estava em conformidades ao primeiro momento da visita, devido a uma parcela dos que ali estão acampados terem se retirado e deixado descuidado os espaços, que eram de suas responsabilidades.

Portando o projeto é de fato de grande relevância para o conhecimento das realidades do MST e a sua colaboração a ações que tem por vertendo as práticas agroecológicas. É de grande valia e relevância o projeto a apresentado, sendo visto a importância do mesmo e, salientados a importância de sua continuidade.

Referências Bibliográficas

BORSATTO, Ricardo Serra; CARMO, Maristela Simões do. **O MST e a Edificação de Uma Proposta De Reforma Agrária Baseada Em Princípios Agroecológicos**. RETRATOS DE ASSENTAMENTOS, v.16, n.2, 2013

DE' CARLI, Caetano. O discurso político da agroecologia no MST: O caso do Assentamento 17 de Abril em Eldorado dos Carajás, Pará. **Revista Crítica de Ciências Sociais** [Online], n. 100, p. 104-129, 28 out. 2013. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/5245>. Acesso em: 14 fev. 2022.

PINA, Iara Jaime de; NETO-SILVA, Carlos de Melo e; ANDERSSON, Fabiana da Silva, PULIDO, Cesar David Rodríguez, SOUZA, Janiel Divino. **Transição Agroecológica no Município de Goiás/GO: um Estudo Sobre os Aspectos Produtivos e Socioambientais em Assentamentos Rurais de Reforma Agrária**. Artigo –Sistemas Agroalimentares, Sociobiodiversidade, Saúde e Educação: Desafios e Perspectivas - Agroecol, 20018. Disponível em: <https://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/2333/2044>. Acesso em: 14 fev. 2022.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



A ESCOLHA DO CENTRO HISTÓRICO DA CIDADE DE GOIÁS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL E HISTÓRICO DA HUMANIDADE.

***Ana Júlia de Almeida¹ (IC), Dr. Júlio Cesar Meira ² (PQ)**

anajulia75650@gmail.com

^{1/2} Universidade Estadual de Goiás — Campus Morrinhos, Rua 14, 625, Bairro: Jardim América, Morrinhos — GO

Resumo: O presente projeto de pesquisa constitui-se como desmembramento do projeto de pesquisa Patrimônio Cultural da Humanidade, Patrimônio Histórico e os Embates sobre a Memória: As Experiências do Centro Histórico da Cidade de Goiás e da Cidade de Brasília. Nesse ponto de vista, a pesquisa desenvolvida aqui busca entender o processo de construção do Centro Histórico da Cidade de Goiás como Patrimônio da Humanidade e a forma como esse processo se relaciona com a construção da memória, tanto da cidade quanto do próprio estado. A importância da pesquisa decorre do fato de que, ao se compreender o processo de construção desse tipo de memória, descortina-se a possibilidade de se conhecer os caminhos e estratégias de acesso e direito à cidade, os debates e conflitos na disputa de espaço, percebidos nos discursos dos sujeitos. Logo, objetivamos analisar os impactos que a Cidade de Goiás sofreu ao ser tombada como patrimônio cultural e histórico da humanidade, isto é, como ela passou a ser vista pela sociedade e as medidas que foram tomadas para a sua preservação.

Palavras-chave: Patrimônio. Cultura. Sociedade. Política. Preservação. Goiás.

Introdução

A Cidade de Goiás, ou Goiás Velho, é um verdadeiro marco histórico do período colonial brasileiro, pois, preserva características arquitetônicas dos séculos XVIII e XIX. Sendo que, foi por meio das bandeiras realizadas pelo interior do Brasil



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



para encontrar riquezas, durante o Ciclo do Ouro, que em 1725 o bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva encontrou ouro nas margens do Rio Vermelho e fundou o Arraial de Sant'Anna. Logo, pela importância econômica que a região passa a ter para a Coroa Portuguesa, ela passa a categoria de Vila Boa de Goiás em 1739.

Em 1818 a Vila é elevada a categoria de Cidade de Goiás por meio de uma carta régia de Dom João VI. Posteriormente, na revolução 1930 Vargas nomeia um interventor, Pedro Ludovico Teixeira. Este toma como um dos primeiros atos a transferência da capital do estado de Goiás para outra cidade, Goiânia, e assim, em 1937 a Cidade de Goiás que até então havia sido a capital do estado desde a sua fundação, deixa de ser a capital após 200 anos de sua história.

Portanto, é notável que a Cidade de Goiás foi palco para muitos eventos históricos e culturais, como também, contempla nos dias atuais a arquitetura barroco-colonial original do Brasil oitocentista, destacando-se os museus de Arte Sacra e da Bandeira, a Câmara e a cadeia, além do Palácio Conde dos Arcos, antiga residência do governador. Tendo em vista seu acervo de preservação de bens materiais e imateriais, a Cidade de Goiás é contemplada com o título de patrimônio da humanidade pela UNESCO em 2001.

De modo que, a presente pesquisa teve como objetivo pesquisar o processo de escolha do Centro Histórico da Cidade de Goiás como Patrimônio Cultural e Histórico da Humanidade. Buscando prospectar os debates na mídia local sobre a candidatura e escolha do Centro Histórico da Cidade de Goiás como Patrimônio Cultural e Histórico da Humanidade, os discursos e justificativas das visões, convergentes e/ou divergentes, possíveis nos discursos jornalísticos. Como também, entender de que forma a escolha de Patrimônio da Humanidade impactou na criação de políticas públicas de habitação, moradia e regulamentação da mudança ou



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



manutenção dos espaços históricos.

Material e Métodos

O empreendimento metodológico neste trabalho será o mesmo adotado no projeto de pesquisa mais amplo, do professor-proponente, pois, vale ressaltar, esta pesquisa respeita os limites teóricos e metodológicos daquele projeto. A relação entre memória e patrimônio com os processos de preservação e criação de legislação normativa será a chave interpretativa, tanto do levantamento bibliográfico quanto da investigação heurística.

Resultados e Discussão

Por ter sido um local oficial de ocupação portuguesa a Cidade de Goiás conserva aspectos da sua configuração enquanto uma cidade colonial, visto que, essas marcas podem ser verificadas nos relatos de viajantes que passam pelo local no século XIX.

Assim, para que esses dados fossem confirmados, procedeu-se à revisita a essa cidade colonial, correlacionando-a aos núcleos urbanos encontrados no período da Brasil colônia, a partir de registros bibliográficos, procurando entender sua morfologia bem como identificar quais equipamentos a compunham. (FONSECA; LIMA; PEDROSO, p. 45)

Contudo, a cidade se via em uma posição em que perderam sua identidade de sede do poder político do estado de Goiás, e assim achava que deveria continuar crescendo e se modernizando para se nivelar a nova capital Goiânia, e nesse caminho o “tombamento” de edifícios era visto como muita desconfiança, pois, achavam que levaria a cidade a um estado de estagnação e atraso ao ter uma identidade de



monumento do passado.

Eu fui contrário ao tombamento nos primeiros anos, liderado por um grupo que não via a preservação como estímulo ao futuro de Goiás. Seria um atraso para a cidade, você não poderia mudar a fachada, não poderia mandar dentro. Você não mandaria na sua casa. [...] Seria condenar a cidade à morte, como falavam: “você quer condenar nossa cidade à morte, você não pode mexer nada, não pode fazer nada, você não é dono da sua casa, você não é dono de nada”. [...] Inclusive o termo “tombado” já liga à queda, à deterioração. (Elder Camargo de Passos, entrevista concedida a Andréa Delgado em 19 de agosto de 1999; DELGADO, 2005, p. 116)

Portanto, ao mesmo tempo que organizações culturais locais planejavam o futuro da Cidade de Goiás visando seu passado histórico, muitos cidadãos da cidade eram receosos com o movimento em prol da proteção e tombamento de patrimônios. Mas, quando o turismo passa a atrair capital para a economia da cidade, os moradores percebem que o futuro da cidade está no seu passado histórico rico. Assim, a cidade passou por uma série de reformas para garantir sua preservação e para atender as demandas turísticas de hospedagem, alimentação e acomodação. Como também,

A Universidade Estadual de Goiás (UEG), por exemplo, oferece no campus Cora Coralina o curso de graduação em Turismo e Patrimônio, além de uma especialização em Desenvolvimento Regional e Planejamento Turístico. Essa evolução acadêmica foi um dos efeitos benéficos que o título de Patrimônio da Humanidade trouxe à comunidade. (O Popular, 2022, p.4)

Considerações Finais

Em suma, compreendesse que a Cidade de Goiás foi uma testemunha da história do Brasil, e, portanto, uma guardiã do patrimônio nacional e merecendo assim a posição que ocupa como um dos Patrimônios da Humanidade. Acha vista que, o título não somente possibilitou a preservação do conjunto histórico da cidade, como também, levou ao desenvolvimento de uma comunidade que atrai turistas do mundo todo, e assim mantém a memória histórica do país viva.



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



Agradecimentos

Agradecemos ao Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação CNPq pelo fomento destinado à esta pesquisa.

Referências

FONSECA, Thalita Pereira. LIMA, Giovanna Brunes. PEDROSO, Leticia Tavares. Cidade e Permanência: Os Espaços de Poder na Cidade de Goiás-Go. In: **XXI Semana de História – Universidade Estadual de Goiás - Campus Cora Coralina**, p. 45-65.

DELGADO, Andréa Ferreira. Goiás: A Invenção da Cidade “Patrimônio da Humanidade”. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 113-143, jan/jun 2005.

BORGES, Rogério. **Cidade de Goiás | 20 anos de Patrimônio da Humanidade**. O Popular, 04/01/2022.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão e
Assuntos Estudantis



**Universidade
Estadual de Goiás**



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



A OBRA DE STANISLAW SZMAJZNER COMO TESTEMUNHO SOBRE O CAMPO DE EXTERMÍNIO DE SOBIBOR.

Kálita Souza Ramos (IC)*¹, Dra. Maria Dailza da Conceição Fagundes(PQ);
kalitasouzaramos2015@gmail.com

Resumo: Essa pesquisa tem como fonte de estudo a obra “Inferno em Sobibor – A tragédia de um adolescente judeu”, escrita pelo judeu polonês Stanislaw Szmaizner. Assim, a proposta desse trabalho é analisar nos relatos presentes nesse escrito, a trajetória e o testemunho de um sobrevivente judeu que foi prisioneiro no campo de extermínio de Sobibor durante a Segunda Guerra Mundial. Ao narrar em primeira pessoa sua experiência de vida, o autor recorre as suas lembranças enquanto sobrevivente para compor o escrito que é estruturado em 14 capítulos. Dessa forma, a obra de Szmaizner se relaciona com a memória traumática acerca dos horrores vivenciados no campo de Sobibor, configurando-se como uma autobiografia e literatura de testemunho dividida em dois momentos: antes e após a invasão nazista ao território polonês. O objetivo do trabalho é analisar os acontecimentos relatados, observando o teor testemunhal da obra em que o autor é também narrador e personagem.

Palavras-chave: Memória. Autobiografia. Testemunho. Holocausto.

Introdução

A proposta deste trabalho é analisar os relatos do judeu polonês Stanislaw Szmaizner (1927 - 1989) acerca do período em que foi prisioneiro no campo de extermínio de Sobibor. A fonte em estudo é a obra *Inferno em Sobibor: a tragédia de um adolescente judeu* de 1968. Nesse escrito, o autor Stanislaw, a partir de suas memórias e enquanto sobrevivente, narra em primeira pessoa, os horrores vividos

¹ Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina, Avenida Dr. Deusedth Ferreira de Moura, Centro, Goiás - GO



nesse campo de extermínio nazista, localizado no leste da Polônia.

O escrito em análise é uma obra autobiográfica em que o autor é também narrador e personagem e que se enquadra tipologicamente como literatura de testemunhos. O livro está estruturado em um prefácio e 14 capítulos e refere-se ao período de 1939 a 1943. Na primeira parte, do capítulo 1 ao 4, o autor aborda os relatos acerca da invasão e ocupação da Polônia pelos nazistas e o período em que esteve com sua família nos Guetos de Wolwonice e Opole. Nos capítulos seguintes, narra a viagem de trem tendo como destino o campo de Sobibor, a percepção que vai construindo acerca do lugar, as atrocidades cometidas pelos nazistas e o planejamento e execução da fuga elaborada pelos prisioneiros.

O recorte espacial deste trabalho é Sobibor, um campo de extermínio construído em 1942, localizado na Polônia e que leva o nome de uma pequena localidade a 219 km de Varsóvia. O campo fazia parte da Operação Renhard, uma das atividades nazistas que buscava concretizar a chamada “solução final para a questão judaica”: exterminar os judeus (RASHKE, 2011).

Material e Métodos

Esta pesquisa está alicerçada no diálogo com autores que discutem assuntos relativos ao nazismo, aos campos de concentração e aos testemunhos de sobreviventes. A fonte principal do estudo é a obra *Inferno em Sobibor: a tragédia de um adolescente judeu* escrita por Stanislaw Szmajzner. Quanto à tipologia, esse documento pode ser compreendido como uma literatura de testemunho. É a partir das problematizações levantadas e dos métodos para a análise das fontes que o historiador constrói o seu trabalho, tornando-as assim ferramentas indispensáveis para o seu ofício.

A fonte em estudo foi composta a partir de relatos acerca do que foi vivenciado por Shlomo durante o tempo em que foi prisioneiro em Sobibor, observa-se a



presença de uma memória traumática construída a partir tanto da memória individual do autor como a de outros sobreviventes com quem ele teve contato (LE GOFF, 1990).

Metodologicamente, faz-se necessário o estabelecimento do contexto histórico do documento que definirá as relações entre o conteúdo e a época em que ele foi composto, identificando também sua autoria. Dessa forma, foi realizada metodologicamente a crítica externa identificando a tipologia, datação, autoria, contexto histórico, local em que a obra foi escrita e idioma. Já na crítica externa, foi realizada a análise da estruturação da fonte, os acontecimentos mais relevantes na trajetória de Stanislaw Szmaizner bem como a organização, sistematização e uso das lembranças traumáticas no processo de construção da narrativa na fonte em estudo.

Resultados e Discussão

O livro *Inferno em Sobibor: a tragédia de um adolescente judeu, sendo um escrito autobiográfico*, se apresenta como uma literatura de testemunho e relatos traumáticos, pautado na memória e composto por alguém que viveu uma situação extrema e que segundo Tzvetan Todorov (2017) se sente no dever de testemunhar.

As violências sofridas e percebidas por Stanislaw e seus companheiros são contínuas na narrativa do autor. Num dos relatos, conta a experiência vivida por seu sobrinho no segundo campo de Sobibor. Ao se dirigir a outra parte do campo para receber uma moeda que Stanislaw usaria em um trabalho de joalheiro, seu sobrinho adentrou o chamado Campo 2, onde ocorriam os “banhos”, seguidos do extermínio. A princípio, tomado pelo choque daquilo que vira, o garoto não consegue verbalizar o acontecido, relatando apenas no outro dia aquilo que presenciou: “(...) eram gritos, prantos e lamentos mesclados com as súplicas para que os boches não fizessem aquela inominável crueldade(..)” (SZMAJZNER, 1968, p. 133-134).

É constatado que além das inúmeras formas de violências vividas pelos



judeus ali confinados, como surras ou açoites relatados por Szmajzner, o principal método de extermínio em massa utilizado pelos nazistas era o uso das câmaras de gás. E após a morte por asfixia, os corpos eram enterrados em valas, e posteriormente, conforme relatado pelo autor, chegaram a ser queimados como forma de não deixar vestígios das atrocidades ali cometidas.

Assim, a ótica do relato e a expressividade do autor mediante a narrativa se tornam os pontos mais importantes, pois não se trata, conforme aponta Ângela de Castro Gomes (2004), de dizer o que especificamente houve, mas sim, o que o autor do relato diz que ouviu, viu, sentiu experimentou de maneira retrospectiva em relação aos acontecimentos. Ao relatar sua história de vida, o autor rememora acontecimentos do período de 1939 a 1943, espaço de tempo que marca a invasão da Polônia pelo exército nazista e sua experiência desde então, que perpassa trabalhos forçados e sobrevivência no campo de extermínio Sobibor, desenvolvendo dessa forma uma escrita de si acerca de sua trajetória.

Considerações Finais

O testemunho relatado por Szmajzner se torna uma peça essencial para os estudos de temáticas relacionadas aos campos de extermínio nazistas durante a Segunda Guerra Mundial, pois apresenta um novo olhar para a narrativa da História. Os relatos do autor nos revelam detalhes de sua trajetória, escrita a partir daquilo que ele viveu durante o período de 1939 e 1943. Além disso, a obra é uma importante fonte para se entender como eram as formas de extermínio utilizadas pelos nazistas, e como esse tipo de experiência traumática repercute na vida e no espírito daqueles que são sobreviventes. Ainda, o relato de Stanislaw Szmajzner colabora no combate ao negacionismo e para que esse tipo de atrocidade não aconteça novamente.



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora Prof. Dra. Maria Dailza da Conceição Fagundes, por ter me apresentado esse tema e esse incrível livro, pelas orientações e pelo apoio e ajuda em todas as fases dessa pesquisa e nas apresentações em eventos. Agradeço ao senhor Stanislaw Szmaizner, pela coragem de relatar nessa obra uma parte de sua vida, comovendo meu espírito e movendo em mim sentimentos que só um testemunho pode causar. À Pró Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação da UEG, que me possibilitou ser bolsista durante a realização dessa pesquisa.

Referências

ABAL, Felipe Cittolin. Stanislaw Szmaizner: O único sobrevivente do Campo de extermínio de Sobibor no Brasil. **Projeto História**, São Paulo, v. 68, p. 387-420, Mai./Ago. 2020.

GOMES, Ângela de C. **Escrita da si, escrita da História**: a título de prólogo. In: GOMES, Â.de C. (org.). Escrita de si, escrita da história. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 7-24.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990.

RASHKE, Richard. **Fuga de Sobibor**. Trad. de Felipe Cittolin Abal. Porto Alegre: 8inverso, 2011.

SZMAJZNER, Stanislaw. **Inferno em Sobibor**: a tragédia de um adolescente judeu. 1. ed. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1968.

TODOROV, Tzvetan. Narrar, julgar, compreender. In: **Diante do extremo**. São Paulo: Editora UNESP, 2017, p. 363 – 410.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



A Autogestão Social em sua particularidade

Giulia Andreucci¹ (IC), Edmilson Ferreira Marques² (PQ).

UEG – Universidade Estadual de Goiás Câmpus Norte – Rua 607, N. 42, Setor Sul I – Uruaçu – Goiás.
CEP 76400-000.

Neste trabalho, fiquei responsável de pesquisar acerca do tema da Autogestão social e suas especificidades, e buscar entender a sua distinção com a burocracia, já que muitos indivíduos acabam confundindo sobre o que significam. Para esse trabalho, levantamos uma problemática que direcionou e auxiliou no andamento da pesquisa. Essa problemática consiste em analisar e entender os motivos da autogestão social ser tão marginalizada nos dias atuais e nisso, percebemos que diversas pessoas não entendem sobre a definição da autogestão social e a julgam de forma negativa. Primeiramente, realizei a leitura de determinados livros e artigos escolhidos após uma pesquisa sobre essa temática. Após essa leitura, produzi dois relatórios durante os doze meses a respeito do tema proposto. Depois do estudo realizado, pude entender que a autogestão é um sistema que irá sanar os problemas sociais vistos no cotidiano, como a desigualdade presente na sociedade capitalista. Porém, através da falta de interesse e de apoio de diversas pessoas essa mudança se torna cada vez mais difícil.

Palavras-chave: Autogestão. Burocracia. Capitalismo.

Introdução

O presente relatório possui a finalidade de apresentar os resultados obtidos

¹ Graduanda do Curso de Direito da UEG.

² Graduado em história e especialista em ciência política pela Universidade Estadual de Goiás; Mestre em história pela Universidade Federal de Goiás e doutor em história pela Universidade Federal de Goiás; Pós-doutor pelo programa de sociologia da Universidade Federal de Goiás; Docente da Universidade Estadual de Goiás, na cidade de Uruaçu; Docente convidado do curso de doutorado em Educação da PUC, em Uruaçu-Goiás; Pesquisador na área do Cinema, Quadrinhos, Cultura e Luta Cultural, Metodologia da Pesquisa, História Regional e História do Pensamento Econômico, História Moderna e Contemporânea, e Conteúdo e Processos de Ensino de História.



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



na pesquisa de iniciação científica sobre o tema da autogestão social em sua particularidade. A pesquisa foi dividida em duas etapas.

Na primeira, abordei sobre o livro do sociólogo e filósofo Nildo Viana, denominado “Manifesto Autogestionário”, trazendo suas principais ideias acerca do assunto destinado. Além disso, também trouxe uma abordagem sobre o livro “Autogestão: uma mudança radical”, dos historiadores Alain Guillerme e Yvon Bourdet, que contribuíram imensamente sobre a definição de autogestão social.

Posteriormente, realizei a leitura de dois livros. O primeiro se chama “O que é Burocracia?”, do autor Fernando C. Prestes Motta e o segundo “Burocracia e Ideologia”, do sociólogo Maurício Tragtenberg. Ademais, fiz a leitura de um artigo denominado “O Significado Histórico da Classe Burocrática”, do autor Nildo Viana.

Por conseguinte, este relatório irá apresentar as concepções expressas pelos autores dos livros e artigos lidos e a opinião própria em relação a autogestão social. Outrossim, entender quais são os motivos da autogestão social ser marginalizada nos dias atuais e a diferença que apresenta com a burocracia.

Material e Métodos

A principal metodologia de pesquisa é a bibliográfica, com foco no estudo de obras que abordam especificamente a autogestão e a burocracia. Na primeira parte da pesquisa fizemos uma busca por acervos bibliográficos na internet, em livrarias e bibliotecas virtuais, para encontrar autores que já pesquisaram sobre a autogestão. E no segundo momento dedicamos a pesquisar sobre a burocracia, o que constatamos é que existe atualmente uma ampla bibliografia que trata de ambos os assuntos. Após a pesquisa bibliográfica dedicamos a sistematizar a leitura realizada.



Resultados e Discussão

Por meio da leitura e estudo de livros propostos e artigos encontrados na internet, pude entender que a autogestão social é uma forma de gestão onde não há um Estado, ou seja, um conjunto de instituições que administram uma nação. Assim, a própria sociedade consegue manter uma estrutura ideal e organizada no local em que reside. Com isso, não existe o capitalismo, a divisão de classes e as formas de poder e dominação. Os franceses Alain Guillerme e Yvon Bourdet, autores do livro “Autogestão: Uma Mudança Radical”, elaborado em 1975, trouxeram a ideia de que a autogestão não pode ser entendida com o mesmo significado de alguns termos, como “participação”, “cogestão”, “controle operário” e “cooperativa”. Pois, a “participação” é quando o sujeito ou um grupo de pessoas participam de algo que já há uma estrutura organizada, com suas funções. A “co-gestão”, é uma etapa que tenta permitir a implementação da criatividade e a iniciativa operária no sistema capitalista. Porém, os trabalhadores participam somente na fase de produção.

Os autores ressaltam que “controle operário” é a forma de organização em que o controle das relações de produção ainda se encontra nas mãos daqueles que possuem os meios de produção. Por fim, a “cooperativa” não consegue implementar na sociedade capitalista sua autogestão, pois tanto o mercado quanto o Estado têm o poder para interferir na gestão das cooperativas.

Entende-se, contudo que a autogestão acontece quando os produtores se disponibilizam totalmente ao processo de organização das relações de trabalho. Logo, é importante a dissolução do capitalismo. E para isso, é necessário que a classe operária assuma o controle dos locais de trabalho e estabeleça a autogestão.

O contexto histórico sobre a autogestão é bastante complexo passando pela Pré-história, pela Revolução Francesa, pelos acontecimentos da Comuna de Paris,



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



pela Revolução dos Cravos até as duas Guerras Mundiais, por serem momentos que tiveram resquícios da autogestão. Porém, aprofundando mais, por meio das décadas de 1950 e 1960, se teve a retomada do debate acadêmico a respeito da autogestão. Com isso, neste período surgiram revistas que relatavam sobre esse assunto, uma delas é a revista *Socialismo e Autogestão*, organizada por Yvon Bourdet. A revista tinha o objetivo de disseminar o movimento, fundamentando-se na radicalização de quesitos do meio político e econômico e contribuir com o processo de implementação da autogestão.

Segundo os dois autores mencionados, foram extremamente influenciados pelas obras de Karl Marx, autor que tratou mais a respeito das mudanças na sociedade e como seria o processo para ocorrer essa mudança. Para Guillerme e Bourdet, a sociedade autogestionária não aconteceria por meio do auxílio de instituições do próprio sistema, como o capitalismo. Esses centram sua análise no quesito das relações de trabalho, entre o empregado e o dono das fábricas e acreditam que por meio da economia irá se alterar as relações humanas e constituir outra forma de sociedade.

Porém, mesmo criticando e desenvolvendo suas crenças, Alain e Yvon não demonstram totalmente como haver essa mudança, não apresentam propostas necessárias para a autogestão. Esses chegaram a propor uma teoria da abolição do Estado, com base na autogestão iugoslava, mas não conseguiram aprofundar.

Apesar disso, entende-se que para instaurar a autogestão social precisa passar por diversos processos na sociedade, como a extinção da exploração, das relações capitalistas e o reforço dos indivíduos na luta pela libertação.

Sobre a Burocracia

Mais adiante, no livro “O que é Burocracia?”, Fernando C. Prestes Motta afirma que a burocracia é poder, controle e alienação, possui estrutura social, na qual



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



as suas atividades coletivas são regidas por um aparelho hierarquicamente organizado, o qual age por meio de critérios impessoais e métodos racionais.

O burocratismo é a administração das coletividades regida por mecanismos burocráticos. De acordo com o livro há três fontes principais. A primeira é que o burocratismo nasce na produção. A segunda aponta que o Estado moderno se tornou um instrumento de controle e de administração em diversos setores sociais e por fim, a terceira fonte está no crescimento das organizações políticas e sindicais nos setores da vida social, como a economia, a política entre outros.

Além do mais, é necessário trazer o conceito de sociedade moderna quando se trata sobre burocracia, já que essa se organiza de forma burocrática e se submete ao Estado. Algumas características dessa sociedade são que a maioria absoluta da população é assalariada, a sociedade se integrou em organizações impessoais, o trabalho não possui significação intrínseca, é o famoso “fazer por fazer”. Outrossim, as necessidades dos indivíduos são manipuladas, as pessoas aprendem viver em organizações, os partidos e sindicatos exalam aparência de democráticos, porém são burocráticos e fechados, os indivíduos não possuem decisões próprias, são manipulados por meio de ideias ilusórias.

No livro deixa claro a ideia de que a burocracia é poder, é cercada pelo capitalismo e assim, pode-se entender que a burocracia é o principal elemento de um sistema antagônico.

Atualmente, existem diversas empresas multinacionais que buscam atuar em concordância com os Estados. Este está muito bem preparado tanto em tecnologia, quanto em infraestrutura e poder econômico, o que caracteriza o capitalismo. A burocracia de forma simples é a dominação de dominadores perante dominados, feita por meio de organizações, como o Estado, empresas, partidos, sindicatos, escolas, prisão e outras, transmitindo um modo de pensar, no qual o indivíduo inserido nelas deve pensar da mesma forma, com as mesmas ideias e conceitos.



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



O sociólogo Max Weber desenvolveu a mais importante análise sobre a burocracia, retratando que em sua forma moderna, sendo baseada na razão e no direito, a burocracia emerge do capitalismo e com o Estado moderno, fazendo com que esse seja ao mesmo tempo parte da sociedade e também se colocando de forma superior em relação à nação.

O Estado é uma organização burocrática que possui algumas características, como é demonstrado no livro do Fernando Prestes. É considerado uma elite política, possui um corpo de funcionários hierarquicamente organizados e há uma força pública, mantendo a ordem vigente. Além disso, o Estado possui dois poderes básicos, sendo o ato de legislar e o poder de lançar e cobrar impostos.

Weber define que o poder é a possibilidade de alguém ou algum grupo impor ideias de forma arbitrária sobre o outro. Para o sociólogo, existiam três tipos de dominação, a primeira chamada de tradicional, entendida como uma ideia de crença, como os antepassados resolveram as questões problemáticas. O segundo tipo é a dominação carismática, segundo a qual, a legitimidade advém do carisma. Se baseia na crença de alguém que dirige espetacularmente um grupo social. A última é a dominação legal, os indivíduos de uma sociedade respeitam e obedecem as leis regidas, pois esses acreditam que advém de procedimentos legalmente corretos.

Por meio da adoção do sistema fabril, surgiu a hierarquia burocrática capitalista. Cada operário fica responsável por uma tarefa proposta, minimamente pequena em relação a todo o aparato da empresa, enquanto apenas o capitalista possui o controle do produto final. Assim, entende-se que atualmente somente aquelas empresas que reproduzem o capital conseguem sobreviver. Infelizmente, adotam ideias de divisão de classes, havendo assim uma relação de desigualdade.

Ademais, para o funcionamento do capitalismo, existem outras instituições que atuam por meio de controle social e devem impor o poder de moldar as suas ideologias perante os indivíduos. Um exemplo dessa instituição é a escola. Essa,



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



desempenha algumas funções de forma estratégica para a regularização da sociedade capitalista, por meio de retratações de uma cultura e a reprodução da estrutura de classes. Outros exemplos de instituições capitalistas burocratizadas, são a prisão e os hospitais psiquiátricos, que utilizam de formas mais duras para a implementação de ideologias.

A burocracia está revestida de regulamento administrativo que fixa atribuições oficiais, de uma hierarquia de mando e subordinação, de uma administração dos cargos diversos, de um conhecimento técnico, da exploração perante a comunidade que administra entre outras. Essa manutenção do aparato burocrático é extremamente fácil por conta do dinheiro envolvido nas questões sociais. Os trabalhadores trabalham tanto, e no fim, recebem um valor mísero que irá “compensar” as horas de trabalho de um determinado tempo. Portanto, logicamente entende-se que a burocracia é alienante.

O próximo livro com destaque é “Burocracia e Ideologia”, do autor Maurício Tragtenberg. Na obra realiza uma reflexão acerca das teorias da administração científica que foram representadas por Taylor e Fayol, trazendo o processo industrial.

O sociólogo Taylor, segundo a teoria da Administração Científica, importa toda a sistematização da empresa. Essa teoria possui alguns princípios, como do planejamento, o princípio do preparo, o controle do trabalho, e o da execução. Fayol, em sua teoria denominada Teoria Clássica Administrativa, em seus resultados finais da produção, são extremamente importantes e únicos analisados. Ademais, o livro aborda sobre a Escola de Relações Humanas, de Elton Mayo, que foi um meio de resolução de conflitos da burocracia com os trabalhadores indignados com as péssimas condições de trabalho.

Elton Mayo, pesquisador australiano, realizou no ano de 1927, uma pesquisa por meio de experimentação da rotina de trabalho dos operários de uma determinada empresa. Essa experimentação foi dividida em quatro fases para assim obter um



melhor resultado. Após a realização das devidas fases, pode-se entender que existe uma relação extremamente desigual entre os operários e os donos das empresas. Contudo, para a empresa se desenvolver é necessário que o indivíduo que a administra possua deveres que enaltecem seus trabalhadores, além de obviamente, esses possuírem seus direitos básicos em relação às Leis Trabalhistas.

No livro também retrata sobre a sociologia das organizações de Weber, o qual destacou a necessidade de ampliar essa reflexão com base na gestão da qualidade total, por sua relevância dentro da administração nas últimas décadas, analisando a burocracia com os elementos: classe e dominação. Aborda além disso, sobre a teoria convencional da administração, trazendo suas características, e propõe a realização de atividades pré-definidas e padronizadas, o domínio da burocracia e destaca o impacto que isso causa aos trabalhadores com o foco na eficiência e nos resultados.

E por fim, tem-se o artigo de Nildo Viana sobre “O significado histórico da classe burocrática”. Esse relata que em contexto histórico a burocracia surgiu para enfatizar a classe burguesa, reproduzindo o capitalismo. Só que eles não são exatamente iguais. A classe burguesa demonstra ser mais conservadora e contrarrevolucionária que a classe burocrática.

As organizações burocráticas são instituições de controle social que contribuem com a questão da burocracia. Servem como um dos meios de impedir que os proletários, por meio de suas indignações em relação à questão de qualidade de tratamento da classe dominadora, consigam fomentar as transformações radicais. Portanto, Nildo Viana afirma que essas classes devem tomar frente e buscar a abolição da burocracia.

Considerações Finais

Chega-se à conclusão que existem algumas divergências entre a autogestão



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



social e a burocracia. Em primeiro plano, a burocracia se comporta na esfera capitalista, no qual se encaixa a divisão de trabalho entre dirigentes e dirigidos, a produção de capital e o lucro. Enquanto, a autogestão é incompatível com o capitalismo. A autogestão pressupõe a emergência da valorização da equidade social, extinção das classes sociais, condições igualitárias de vida e dignidade do indivíduo, o fim do dinheiro, o trabalho como uma forma de prazer e não um gerador de estresse e de lucro.

Entende-se, portanto, que a Autogestão Social é um sistema que pode ser adotado na sociedade, a qual visa melhores condições para os indivíduos. Ou seja, na implementação da autogestão as classes sociais, o capital, a alienação, a questão dos dominantes e os dominados irá se extinguir para assim, manter uma boa harmonia entre as pessoas.

Além disso, compreende-se que é fundamental estudar, buscar entender mais sobre a autogestão social. Infelizmente, a autogestão social é um tema bastante marginalizado, exatamente por ser um ideal que busca interferir totalmente no Estado, modificando questões econômicas, sociais, políticas e entre outras. Essa interferência é algo que exige bastante esforço, dedicação e persistência para aqueles que querem lutar em prol da autogestão social. Com isso, os indivíduos não buscam conhecer sobre o tema, justamente pela ideia de ser algo difícil de ser realizado e, quando exige muito do indivíduo, esse acaba tendo receio e medo.

Agradecimentos

A Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Norte e a Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis.



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



Referências

GUILLERM, Alain e BOURDET, Yvon. **Autogestão**: uma mudança radical. Rio e Janeiro: Zahar, 1976.

VIANA, Nildo. **Manifesto Autogestionário**. Rio de Janeiro: Robson Achiamé, 2008.

VIANA, Nildo. **Democracia e Autogestão**, 2011. Disponível em: <<https://informecritica.blogspot.com/2011/04/democracia-e-autogestao.html>>.

Acesso em: 01 de dezembro de 2021.

C. PRESTES MOTTA, Fernando. **O Que é Burocracia**. Ed: 13°. São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 1991.

TRAGTENBERG, Maurício. **Burocracia e ideologia**. Ed: 2°. São Paulo, SP: Editora Unesp, 2006.

VIANA, Nildo. **O Significado Histórico da Classe Burocrática**. Enfrentamento. Goiânia: ano 13, N. 23, jan./jun. 2018.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



Christine de Pizan e a defesa da educação feminina no Livro do Caminho de Longo Estudo

Vanessa Gouveia Javarini (IC)*¹, Dra. Maria Dailza da Conceição Fagundes (PQ)²;
vanessagouveiaj@hotmail.com

Resumo: A proposta da pesquisa é compreender como Christine de Pizan, que em sua obra autobiográfica *O Livro do caminho de longo estudo* também é narradora e personagem, se representa em sua própria narrativa. Em relação à estrutura, a obra de 1402, redigida em primeira pessoa, é um poema composto por 6398 versos e dividido em um prólogo e quatro partes. Nele, Christine, ao longo de uma viagem alegórica, narra acontecimentos pessoais recorrendo, em alguns trechos, às suas lembranças para tecer a narrativa. Christine de Pizan nasceu em Veneza, mas viveu desde os quatro anos de idade em Paris, na corte francesa, onde teve acesso à Biblioteca Real. A relevância dessa pesquisa se respalda, primeiramente, por ter como objeto de estudo, uma mulher que se destacou pela escrita no contexto medieval vivendo de suas obras em um momento em que era raro que mulheres seguissem o ofício de escritora, pois o acesso aos espaços culturais e ao manuseio da escrita pertencia mais ao âmbito masculino.

¹ Avenida Dr. Deusedeth Ferreira de Moura, Centro, Goiás – GO

² Avenida Dr. Deusedeth Ferreira de Moura, Centro, Goiás - GO

Palavras-chave: Christine de Pizan. Mulheres. Idade Média.

Introdução

A proposta desta pesquisa é analisar a importância concedida por Christine de Pizan (1364 – 1430) ao conhecimento e sua posição em relação à educação feminina a partir da análise de seu escrito autobiográfico *O Livro do caminho de longo estudo*, composto em 1402. Do mesmo modo, propõe identificar nos relatos, a representação da autora nos papéis de filha, esposa, mãe e escritora. Em relação à estrutura, a obra, redigida em primeira pessoa, é um longo poema composto por 6398 versos e é dividida em um prólogo e quatro partes.

No prólogo, a autora apresenta o seu livro e o dedica ao rei Carlos VI (1368 - 1422) da França: “respeitada Majestade, Carlos VI de nome ilustre,/ que Deus o



mantenha com alegria e saúde,/ meu pequeno escrito é apresentado pela primeira vez/ Ainda que não seja digno de estar em vossas mãos” (O LIVRO DO CAMINHO DE LONGO ESTUDO, Prólogo, v. 09-12). Em vista disto, o recorte espaço-temporal desta pesquisa é situado no reino francês, no período de vivência de Christine de Pizan e época de composição da obra em estudo, ou seja, entre o final do século XIV e início do século XV.

Christine de Pizan nasceu em Veneza, em 1364. Em 1368 seu pai, Thomas de Pizan (? – 1386), mudou-se com a família para a corte francesa a convite do rei Carlos V (1338 – 1380). Pizan teve acesso à Biblioteca Real e com seu pai abordava, nos estudos, leituras e assuntos que não integravam à educação feminina na época. Aos quinze anos, Christine casou-se com Etienne Castel (1356-1389), secretário do rei, com quem teve dois filhos e uma filha. Pouco tempo depois da morte de seu pai, Christine perdeu o marido, em 1389. Na condição de viúva e com três filhos e a mãe para cuidar, Pizan se torna a primeira mulher a viver do ofício de escritora, abordando em suas obras¹ temas sobre as mulheres e também assuntos como a guerra. Faleceu em 1430 no convento de Poissy (SCHMIDT, 2020; DEPLAGNE, 2020).

Material e Métodos

Metodologicamente, este estudo incluiu inicialmente o levantamento bibliográfico e a análise da historiografia sobre as mulheres na Idade Média, Christine de Pizan e também trabalhos que abordam *O Livro do caminho de longo estudo*. Quanto à tipologia, essa obra, permeada pelas memórias da autora e narrada em primeira pessoa, é compreendida como um documento autobiográfico. Nesta perspectiva, a metodologia foi proposta considerando a tipologia do documento, pois “cabe ao historiador ir ao passado e interrogar as evidências que este deixou com as perguntas adequadas, munido dos conceitos e métodos

¹ Entre 1390 e 1429, produziu mais de 30 obras, entre elas *A cidade das Damas* (1405) e o *Livro das Três Virtudes* (1405). Ela dedicava suas obras aos membros da família real e para garantir o sustento de sua família, atendia a encomendas de nobres, ganhando, desta forma, apoio de mecenas.



apropriados [...]”(ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 24).

O historiador, além do referencial teórico e do diálogo com a historiografia, deve recorrer a vários procedimentos metodológicos. Assim, adotamos como método, a análise documental em que foi realizada a crítica externa de nossa fonte observando, primeiramente, a tipologia, o local de origem, a datação, o idioma, a autoria e o contexto. Em seguida, na crítica interna, o foco foi analisar o documento a partir das problematizações levantadas e identificando lugares, personagens e acontecimentos citados.

Resultados e Discussão

Buscando, como objetivo da pesquisa, identificar os momentos de sua trajetória pessoal ressaltados pela autora, constatamos que Christine de Pizan, em meio aos relatos acerca da busca pelos saberes, narra acontecimentos pessoais. Em alguns trechos, recorre às suas lembranças para tecer a narrativa:

Vou contar de uma forma poética / sem desvio e tal como aconteceu / Pois eu escrevi e é por isso que me lembro [...] Estou com saudades do tempo passado / e feliz, agora tudo arrebatado / por ela e pela morte, / cuja memória me morde / lembrando-me disso / para quem sem a necessidade de outra coisa / vivia feliz / e muito agradavelmente, / quando a morte veio pega-lo [...] (O LIVRO DO CAMINHO DE LONGO ESTUDO, Prólogo, v.42-44;69-76).

Assim, na fonte em análise, observa-se que Christine de Pizan no processo de escrita de sua obra, recorre à sua memória pessoal. A esse respeito, compreende-se que na construção da narrativa, a autora, além de suas recordações utiliza as memórias coletivas do grupo e de sua família. Portanto, a memória individual não está isolada, pois para que um indivíduo recorde o seu passado, normalmente se faz necessário recorrer às lembranças de outrem (HALBWACHS, 1990).

Atingindo um de nossos objetivos, identificamos na fonte a representação da autora enquanto esposa, viúva e escritora. No momento da produção da obra, Christine se encontra viúva e lembra do passado com saudade, pois era feliz e se



sentia amada. Seu marido, ela descreve, era o mais sábio, prudente, bom e a companhia mais agradável e reforça o quanto se amavam:

Me amava, e justo era que fosse assim / que jovem eu tenha sido entregue.
/ Desta forma arranjam os / nosso amor e nossos dois corações / melhor que
irmãos ou irmãs / em um único e completo querer, / na alegria e na tristeza.
[...] tão ternamente me gradava, / que para elogia-lo o bastante / levaria
todo meu tempo e nunca diria o suficiente. (O LIVRO DO CAMINHO DE
LONGO ESTUDO, Prólogo, v.83-89;100-103).

A escritora revela ainda que após a morte do esposo, não sentiu vontade de se casar novamente, por mais que a ideia parecesse boa, ela conta que “muito amargo foi / perder a quem amar [...].” (O LIVRO DO CAMINHO DE LONGO ESTUDO, Prólogo, v.115-116). Além disto, retrata seu luto, através do qual se tornou uma mulher triste, sozinha e cansada.

A autora demonstra, por meio das falas das personagens alegóricas e cenários por onde passa, possuir conhecimento e leitura dos mais variados tipos: “É a sua dedicação aos estudos, e as convicções que resultam de sua contínua reflexão que se destacam de um modo surpreendente” (WUENSCH, 2013, p. 5). Desta forma, se mostra uma mulher sábia, amante da ciência, da filosofia. O título da obra ressalta a importância que Christine de Pizan confere ao estudo. Assim, é nítido o seu entusiasmo com a busca pelo conhecimento e com o ingresso neste caminho destinado àquelas pessoas que se dedicam a aprender: “O nome deste lugar te direi; / precisa saber que se chama “Longo estudo”, / aqui não entra pessoa rude, / nem passa iletrado. / Precisa saber que por isso o amo [...]” (O LIVRO DO CAMINHO DE LONGO ESTUDO, v. 1102-1108).

Pizan, além de fazer da escrita seu ofício, demonstra, por meio da escolha de palavras nas falas das personagens alegóricas e cenários por onde passa, possuir conhecimento, leitura dos mais variados tipos e gêneros. Desta forma, a autora se mostra uma mulher sábia, amante da ciência, da filosofia e a Razão.

Considerações Finais

Por fim, observamos o desejo infindável de Christine de aprender a cada passo e cenário do seu caminho de longo estudo e que mediante a sua trajetória, tanto pessoal, quanto onírica, Pizan, em seu tempo, manifestou sua posição em



relação à educação evidenciando a relevância da mesma e frisando a importância da busca pelo conhecimento. Christine de Pizan sobressaiu-se por seus posicionamentos em suas obras, mas também por toda sua história de superações e resiliências e por ter se tornado uma escritora no medievo que, em seus escritos, tendo a ciência e a filosofia como suporte e se apoiando em suas leituras e em seu conhecimento, potencializa e fortalece a figura feminina no período medieval.

Agradecimentos

À Universidade Estadual de Goiás pelas oportunidades e experiências. À professora Dra. Maria Dailza Conceição Fagundes pela inspiração, orientação e paciência. À Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico pela oportunidade de desenvolver essa pesquisa como bolsista de iniciação científica.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M. de. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru: Edusc, 2007.

DEPLAGNE, Luciana E. de F. C. Christine de Pizan. In: SOUZA, G. Q.; NASCIMENTO, R. C. S. (Orgs.). **Cem fragmentos Biográficos: a Idade Média em trajetória**. Goiânia: Tempestiva, 2020, p. 565-570.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

SCHMIDT, Ana Rieger. Christine de Pizan. **Mulheres na Filosofia**. v. 6, n. 3, p. 1-15, 2020.

PIZAN, Christine de. El libro del largo camino de los estudios. In: HÉRNANDEZ ÁLVAREZ, M. C. (Org.). **El camino del largo estudio de Christine de Pizan**. Sevilla: ArCibel Editores, 2017, p. 53 - 242.

WUENSCH, Ana Míriam. O quê Christine de Pizan nos faz pensar. **Graphos**, v. 15, n. 1, 2013. Disponível em:
<https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/16315>.



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



Cidades Pequenas e suas Tipologias na Rede Urbana

Marília Alves Ferreira¹ (IC)*, Janes Socorro da Luz ((PQ), ¹marilia04alves@hotmail.com

Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Anápolis-CSEH - Nelson De Abreu . Av. Juscelino Kubitscheck, nº 146 - Jundiá, Anápolis - GO, CEP: 75110-390.

Resumo:

A valorização da temática sobre as cidades pequenas possui uma relevância significativa no contexto brasileiro, marcado pela ênfase que as cidades grandes e médias recebem. Nesse sentido, o trabalho envolve a revisão dos conceitos e características que embasam a discussão das cidades na escala das cidades pequenas, por meio do levantamento bibliográfico e, consequente revisão bibliográfica. Outro elemento que perpassa a discussão é a questão da segunda residência, contextualizada na realidade vivenciada pela sociedade com o advento das restrições impostas pela pandemia provocada pelo coronavírus. Restrições essas que afetaram a vida cotidiana e o desenvolvimento das atividades de pesquisa, nesse sentido, o presente trabalho objetiva apresentar elementos pertinentes ao processo de levantamento de dados e revisão bibliográfica sobre as cidades, sua tipologia e a questão da segunda residência. Propicia a compreensão da importância que essas cidades possuem e como se inserem na dinâmica regional.

Palavras-chave: Cidades pequenas. Dinâmica regional. Pandemia. Segunda Residência.

Introdução

A discussão sobre a segunda residência ganhou relevância com a fase de quarentena imposta pela epidemia de coronavírus, entre 2019 e início de 2022. A segunda residência, nesse cenário, tornou-se uma alternativa de habitação que permitia o distanciamento da crise que se instalou na saúde pública global. E, na escala das cidades pequenas, a discussão sobre a tipologia das cidades, suas características e a inserção no contexto regional cria a possibilidade de compreender como a dinâmica urbana transforma o espaço geográfico.

As restrições impostas pela pandemia afetaram a realização de atividades de campo, o que direcionou as ações para a revisão bibliográfica e leitura das informações disponíveis sobre a temática. De acordo com a proposta do trabalho a



questão sobre as cidades pequenas passou a ter relevância, sua definição e seus fundamentos, com a perspectiva de abstrair seu desenvolvimento e capacidade dentro da tipologia da rede urbana.

De início, tratando as suas característica, como são designadas, as relações que desenvolvem e críticas levantadas sobre seu porte de cidade. Por conseguinte, introduzindo os primeiros trabalhos e pesquisadores da área, abordando as principais dificuldades para realização dessa pesquisa. E, por fim, como foram sendo definidas dentro da rede urbana seja por autores ou, até mesmo em um caráter mais oficial, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE). Portanto, busca-se abordar alguns pontos a respeito das cidades pequenas, situadas no contexto da rede urbana em transformação. Acerca dos conceitos e classificação da rede urbana e como se da sua colocação na hierarquia das cidades.

Material e Métodos

O desenvolvimento da pesquisa empregou como recurso metodológico revisões bibliográficas, envolvendo os estudos que discutem a questão da segunda residência, cidades pequenas e espaço urbano, entre outras. Inclui o levantamento diversas fontes de informação que contribuíram para a coleta de informações acerca do estudo, por exemplo em livros teóricos, bancos de tese e dissertação e artigos, que enfocam a resiliência sobre as cidades pequenas. Por conseguinte, o procedimento feito de leituras e interpretações sobre as fontes, com espacialidade de tempo de 2009 á 2019. Também foram objeto de pesquisa livros e artigos, que apresentam o conceitos básicos e a aplicabilidade entre os tipos de cidades, considerando a dimensão regional. Um tema não muito pesquisado pela academia, mas que apresenta uma grande interesse para compreensão. Outro critério utilizado para análise foi a elaboração de resumos dos trabalhos, para saber se integrava ao tema abordado sobre cidades pequenas e para a classificação ou tratamento dos artigos, ou seja, para a sistematização dos conceitos.



Resultados e Discussão

As discussões decorrentes são apresentadas a partir dos resultados obtidos na análise de artigos, teses e livros, que abordam a temática das cidades pequenas e, um plano de fundo, a segunda residência. Nesse sentido, uma referência básica que foi selecionada para o estudo se refere ao trabalho de Sposito (2009), o mesmo se debruça sobre a questão da tipologia das cidades medias e pequenas para evolver a questão da dinâmica regional, além das relações econômicas e sociais. Por sua vez, Arrais (2013), com o estudo referente a segunda residência nas regiões metropolitanas, propiciou a aproximação com a temática e destacou as principais características desse contexto que se apresenta na dimensão das pequenas cidades. Também Silva e Fernandes (2011), foram importantes no processo de revisão da temática, pois tratam do conceito específico das cidades pequenas e a relação região, suas escalas e dinâmica econômica. Uma perspectiva também seguida por Roma (2012), ao discutir sobre o processo estrutural das redes de cidades; tal como Suzuki *et al* (2019), ao tratar da diversidade existente entre o campo e a cidade.

De modo geral, considerando os resultados obtidos pelas pesquisas bibliográfica sobre cidades pequenas, há ainda um nível de pesquisas muito baixo em relação a esse tipo de cidades. Trata-se de uma temática complexa, pois acaba sendo recente, desenvolvida principalmente a partir da década de 1950, quando houve aumento na estruturação das cidades, seguida por uma queda, resultante da regulamentação mais rígida que foi imposta para criação de novos municípios. Diante desse exposto percebeu-se a evolução desse estudo, e seus pressuposto no Brasil, com os primeiros trabalhos a cerca dessa temática, assim como suas dificuldades enfrentadas para realização. Notadamente outros autores realizaram as classificações das cidades como: Geiger (1963); Rochefort (1961) e Geiger (1963), a classificação se dava pelo "caráter funcional hierárquico" apartir das cidades principais as inferiores. Azevedo (1970), Corrêa e Lima (1977). Classificação do IBGE sobre as Regiões de Influência das Cidades Brasileiras (REGIC), as classificações das tipologias tradicionais, metrópoles nacionais, regionais, cidades regionais, cidades sub-regionais, cidades pequenas, cidades locais.



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



Considerações Finais

Portanto, com objetividade procuramos apresentar a temática das cidades pequenas, seus conceitos e colocações de diferentes autores que realizam essa análise e destacaram a articulação das cidades pequenas no âmbito da rede urbana. Mostrando sua importância dentro da rede, sua função e sua articulação principalmente seu desenvolvimento, a partir da mão de obra e sua tranquilidade, e sossego que é muito buscado pela humanidade o bem-estar. E, finalmente, destacamos como relevante a inserção da pesquisa na Rede Nacional Mikripoli voltada para a pesquisa das cidades pequenas e que envolve pesquisadores e instituições de todo o país.

Agradecimentos

Agradecemos à Universidade Estadual de Goiás, Pro-Reitoria de Pesquisa, pela participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.

Referências

ARRAIS, Tadeu Alencar. Morar na Metrópole. **Viver na Praia ou no campo:** a segunda residência e o mercado imobiliário metropolitano. Editora: UFG digital, IESA Livros eletrônico, 2013, p. 1-110.

SILVA, Jurado; FERNANDES, Paulo. **Cidades pequenas e indústria:** contribuição para a análise da dinâmica econômica na região de Presidente Prudente-SP. Dissertação apresentada ao Programa Pós-Graduação e Geografia, 2011, p. 1-285.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Para pensar as Pesquisas e Médias Cidades Brasileiras.** ICMSA- Instituto de Ciências sociais Aplicadas- UFPA- Observatório Comova.



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



Belém-Pará, 2009, p. 5-57.

SUZUKI, Julio Cesar; ARAÚJO, Valterli Borges de; BITELLI, Fabío Malinari. **Campo e Cidade na América Latina**. FELCH/USP, 2019, p. 1-10.

ROMA, Cláudia Marques. **O rural, o urbano e o Agrícola no movimento Espiral do Espaço híbrida**. Tese (doutorado) Universidade Estadual Paulista: [S.n], 2012, p. 25-33.

TRINDADE, Adinael Junhor Pereira da; NARDES, Antonia Marília Medeiros. Campo e Cidade na América Latina. In. TRINDADE, Adinael Junhor Pereira da; NARDES, Antonia Marília Medeiros. **A ocupação territorial do estado do Mato Grosso e a expansão das cidades**. FELCH/USP, [S. N.], 2019, p. 141-163.



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



Educação Bilíngue, Cultura Surda e Educação Inclusiva

Michele Aparecida da Silva¹, Marlene Barbosa de Freitas Reis²

Universidade Estadual de Goiás Unu Inhumas (UEG/Inhumas)

Resumo: Vinculado ao projeto de pesquisa científica “Educação e Cultura de pessoas surdas: um diálogo sob perspectiva da inclusão e da diversidade”, o presente estudo expõe o desenvolvido relativo ao plano de trabalho intitulado “Educação Bilíngue, Cultura Surda e Educação Inclusiva”, o qual possuiu intenção de discutir e explorar o desenvolvimento cultural, identitário e educacional de pessoas surdas favorecido por meio da Educação Bilíngue, partindo de visões ancoradas no tripé entre escola, família e aluno. Diante disso, resultante de pesquisa de iniciação científica da Universidade Estadual de Goiás, Unidade Inhumas, desenvolvemos uma discussão acerca do processo de inclusão comunicacional e do alavancar da construção cultural das pessoas surdas possibilitada pela Língua Brasileira de Sinais (Libras). Questões relacionadas ao estudo da influência que a cultura possui na prática educacional – principalmente em relação ao desenvolvimento do corpo, expressividade, identidade e formação integral do ser humano naturalmente social – se tornaram um desafio para aqueles que buscam construir uma conceituação acerca da cultura brasileira multifacetada inserida em contexto de Práxis Pedagógica, sobretudo, quando é necessário encarmos esse fato mediante o respeito à diversidade e o prezar pela inclusão.

Palavras-chave: Cultura Surda. Diversidade. Educação Bilíngue. Educação Inclusiva. Língua Brasileira de Sinais. Práxis Pedagógica.

Introdução

Perante movimentos em favor dos direitos das pessoas surdas, é possível observar como imprescindível investigação de como a linguagem atua no processo de ensino-aprendizagem para captar os desafios e contribuições proporcionadas pelas diferenças linguísticas na educação dos surdos perante suas especificidades, as quais tornam o Bilinguismo tão valioso e significativo, transpondo barreiras entre o que é legal e real no cenário brasileiro de Educação Inclusiva. Sendo assim, o problema de que em que medida a Educação Bilíngue pode contribuir ao processo de

¹ (IC). michele.silva@aluno.ueg.br.

² (PQ). Professora orientadora.



construção da Cultura Surda e da Educação Inclusiva norteou este estudo. Sob essa ótica, os objetivos propostos foram os de apreender a abordagem e conceituação do que é o Bilinguismo, conceituar e explorar cultura surda mediante narrativas vivenciadas pelas pessoas com surdez e resultante construção cultural e identitária.

O problema de que em que medida a Educação Bilíngue pode contribuir ao processo de construção da Cultura Surda e da Educação Inclusiva norteou este estudo. Admitir a Educação Bilíngue, compreender as contribuições e desdobramentos da linguagem no processo de ensino-aprendizagem, na construção cultural e identitária, no reconhecimento do eu e do próximo para posterior estabelecimento da inclusão e da alteridade, reverbera na emergente confirmação de direitos linguísticos das pessoas surdas como fundamentais em aspectos educacionais, sociais, cognitivos e particulares de cada sujeito.

Material e Métodos

Do ponto de vista metodológico, a concretização da pesquisa perpassou pelos procedimentos metodológicos da pesquisa qualitativa de revisão bibliográfica e empírica. Foi realizada pesquisa exploratória bibliográfica que ancorou a narrativa do participante surdo. A exploração bibliográfica se deu mediante revisão de literatura teórico-conceitual, realizada de forma crítica. Mediante desenvolvimento dos estudos teóricos e conceituais, com objetivo exploratório, finalidade reflexiva e problematizadora, realizamos uma pesquisa empírica narrativa, a qual foi executada na continuação do desenvolvimento dos estudos amparados pelo plano de trabalho da iniciação científica.



Resultados e Discussão

A Língua de Sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, é uma forma de comunicação capaz de captar as experiências visuais dos sujeitos surdos, levando-os a transmitir e proporcionar a aquisição e desenvolvimento de conhecimentos diversos. O Brasil é oficial e legalmente um país bilíngue (BRASIL, 2002), porém ainda há inúmeras situações em que lhe é atribuído status de país monolíngue, somente com consideração em relação à Língua Portuguesa.

Para que se efetive o Bilinguismo no âmbito escolar, Kelman (2015) problematiza que é indispensável combinar o ensino na língua materna (Libras) com desenvolvimento do letramento – processos esses que colaborarão para aquisição e proficiência de uma segunda língua, o português. Para além da concepção de língua enquanto instrumento que traduz às relações e oportuniza a efetivação das interações sociais, o bilinguismo na educação de surdos perpassa por condicionantes políticos, sociais e culturais.

Assim, confere-se à Cultura Surda conceito de modo de ver, ser e estar no mundo, adaptando-o para torná-lo habitável e garantir o processo de humanização dos sujeitos (STROBEL, 2008). Dessa forma, para Kelman (2015) nos ancora ao afirmar que o direito linguístico na construção da Identidade e Cultura Surda deve compreender ênfase necessária pautada no direito ao ser multicultural.

Perante as teorias desenvolvidas, propomos um estudo narrativo a uma pessoa surda que se voluntariou a participar e contribuir ratificando o discutido com a narração de sua história de vida. A questão gerativa apresentada foi: diante de sua história de vida e trajetória em relação à surdez, o que a Libras e a Educação Bilíngue representam para sua vida pessoal, social e educacional? Se houve, considera que o contato com a Língua de Sinais proporcionou maior desenvolvimento de sua cultura e



identidade? Conte-nos sobre suas angústias, conquistas e aspectos que ainda são necessários discutir para efetivação da inclusão.

Nesse sentido, a pessoa participante narrou que, no que se refere à sua história de vida e trajetória em relação à surdez e à Educação Bilíngue é possível afirmar que o interesse pelo tema surgiu por intermédio dos estudos sobre a Libras. Também houve inquietações referentes às práticas pedagógicas vivenciadas em ambiente escolar, no qual alunos surdos tiveram diagnóstico e contato tardios devido à falta de recursos no lugar em que morava e que prejudicaram seu desenvolvimento.

Assim, percebeu que há uma relação ainda pouco explorada, mas que possui amplas possibilidades, nas quais precisa haver busca constante direcionada ao aprimoramento profissional. Para a efetivação da inclusão é necessário refletir que um dos maiores desafios do ensino de crianças surdas nas séries iniciais, permeiam a aquisição e desenvolvimento da Libras e o reconhecimento das necessidades linguísticas específicas, que exigem mudanças nas escolas que foram historicamente pensadas para crianças ouvintes, como espaços de circulação apenas da Língua Portuguesa, tal como ocorre na vida em sociedade.

Neste sentido a luta atual está pautada na defesa dos direitos humanos e linguísticos dos surdos. Sob a temática da educação em contexto da surdez, pautamo-nos na necessária legitimação de um currículo que confronte imposições da classe social vigente, que priorize e atenda a diversidade linguístico-cultural dos surdos, de modo intencional e significativo, em prol de legitimar a educação como prática social da liberdade.

Considerações Finais

Diante dos estudos realizados podemos perceber a necessidade da continuação de pesquisas que busquem homologar a relevância da abordagem



educacional Bilíngue, da inclusão e entendimento da criança que respeite sua especificidade da cultural, a fim de proporcionar a identificação com outros sujeitos e seus artefatos culturais.

Portanto, todos os referenciais contemporâneos no Brasil em prol do atendimento e legitimação dos direitos das pessoas surdas, no que tange o lócus da escolarização do aluno surdo seja na escola regular, nas classes comuns com a presença de alunos surdos coexistem com classes especiais em escolas comuns e escolas especiais ou bilíngues para a educação de surdos. Neste prisma, a ênfase está pautada sob a perspectiva do direito linguístico e seus condicionantes, entre a interface que permeia desde o Bilinguismo biculturalismo.

Agradecimentos

Agradecemos à UEG por meio da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação o incentivo com bolsa de Iniciação Científica no desenvolvimento do curso de graduação.

Referências

BRASIL. **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 25 abr. 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 19 maio 2022.

KELMAN, Celeste Azulay. **Multiculturalismo e surdez**: respeito às culturas minoritárias. In.: LODI, Ana Claudia Balieiro. MÉLO, Ana Dorziat Barbosa de., FERNANDES, Eulalia. (Orgs.) Letramento, bilinguismo e educação de surdos. 2 ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.

STROBEL, Karin. Os artefatos culturais do povo surdo. In: STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



ENSINO REMOTO: PRINCIPAIS DEFSAFIOS PARA PROFESSORES SURDOS

Lucas Siqueira dos Santos¹ (IC)*, Maria de Lourdes Alves (PQ)

Universidade Estadual de Goiás – UnU Eseffego: Av. Oeste Qd 117 - Lote Área, Setor Central, Goiânia-GO

O presente estudo vinculado ao programa de iniciação científica da Universidade Estadual de Goiás, preocupou-se em desvendar a realidade laboral de professores surdos durante a pandemia. Para isso, utilizou-se de pesquisa bibliográfica, como também levantamento de informações em vias documentais, para compreender a história e nos situar na realidade da comunidade surda no Brasil. Como resultado, foram selecionados seis artigos estudos que abordaram diretamente o tema, ambos os autores eram professores envolvidos com o ensino da Língua Brasileira de Sinais. Encontramos relatos como a falta de apoio governamental, falta de planejamento, equipamentos e materiais acessíveis para a inclusão digital gerando sobrecarga e estresse de trabalho. Também, superações como a criação de novas metodologias e estratégias de ensino por parte dos profissionais, fizeram com que a educação permanecesse viva.

Palavras-chave: Educação, pandemia, surdez, prática docente.

Introdução

Na atual pandemia, o sistema de ensino passou a ser reformulado através de métodos que permitissem o distanciamento social, como aulas gravadas e materiais didáticos disponibilizados em plataformas on-line e/ou aulas em vídeo chamada.

¹ lucas.jh56@hotmail.com



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



(Portaria nº 343/2020 e Resolução CNE nº 2/2021). O uso da tecnologia se fez indispensável, e trouxe à tona a grande desigualdade social dos estudantes e professores brasileiros. Muitos destes, não possuem ou possuíam aparelhos como computadores e celulares ou até mesmo o acesso à internet de qualidade.

O ensino da Língua de Sinais, em sua maioria feito por profissionais surdos, foi influenciado pelos acontecimentos acima citados. Com isso, foi pesquisada a prática pedagógica de professores que trabalharam com a Língua Brasileira de Sinais nesse período. A comunidade surda se difere principalmente pela sua característica linguística e cultural. Pretende-se verificar como a pandemia da covid 19 afetou as atividades laborais de professores/as surdos.

Material e Métodos

Em pesquisa bibliográfica, foram selecionados temas relacionados a Educação na pandemia, Ensino de Libras e Professores surdos nas ferramentas de pesquisa *Google Acadêmico*, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e *SciElo*, buscando publicações científicas que abordam a temática durante a pandemia de covid-19, resultando prioritariamente, em seis artigos acadêmicos que atenderam a estes critérios. Foi realizado a leitura sistemática utilizando o método de fichas de resumo, para análise, comparação e interpretação dos estudos.

O levantamento bibliográfico, proporcionou fundamentação teórica necessária para o aporte histórico, de totalidade e de complexidade que segundo Severino (2014), em uma epistemologia dialética, o indivíduo não se explica isoladamente da



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



sociedade, nem separado do seu processo histórico, pressupondo sua articulação com o todo.

Resultados e Discussão

No estudo de Almeida e Rodrigues (2021), as condições de trabalho remoto, foram organizadas pelos próprios profissionais, sem auxílio imediato do Estado. Em consonância, para Albres e Jung (2021), houve uma grande preocupação docente em relação as desigualdades dos alunos surdos, e o quanto o contexto pandêmico tem demandado dedicação por parte dos professores, atenuando sua desvalorização. Conrado e Silva (2020) observou que a utilização das tecnologias no ensino tem sido meramente instrumental e de caráter transmissivo, sendo incapaz de sustentar a qualidade do ensino. Rêgo *et al* (2021) também apontou para a falta de estratégias coletivas, falta de apoio e preparação aos professores para lidar com a tecnologia, de modo que cada um lidou de maneira individual, gerindo suas próprias estratégias

Nenhum dos estudos indicou algum tipo de treinamento para os profissionais, ou aos alunos, nem a criação de um material de apoio específico que os orientassem ou os direcionassem. Também não se relatou incentivo governamental na elaboração de estratégias e desenvolvimento tecnológico.

Considerações Finais

Visivelmente, os estudos aqui apresentados apontaram que a grande lida da



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



educação na pandemia se acumulou sobre os ombros da equipe escolar, que pensou e desenvolveu estratégias e metodologias de ensino, mesmo que improvisadas, mas que garantiram que a educação não perecesse. Por fim, isso gerou mais deveres, exigindo-os mais dedicação de seu tempo, configurando possivelmente em uma sobrecarga de trabalho. Ainda, condições adversas como a desigualdade social e as diferenças, foram ignorados em meio ao Ensino Remoto, como se todos vivessem um mesmo *holl* de oportunidades, e convivessem em um sistema de ensino igualitário e homogêneo, quando de fato não é. Assim como Barros e Alencar aborda, essa realidade demonstrou a falta de conhecimento e o grande desinteresse dos gestores públicos em uma Educação equânime, e eximindo-se a cada dia como um direito.

A pesquisa apresenta-se no cenário atual como possibilidade de desvendar os problemas decorrentes da situação de pandemia no cenário educacional brasileiro. Investigar é o primeiro passo para que possamos compreender as lacunas, “os vazios” decorrentes das adversidades enfrentadas. O investimento em ciência e tecnologia é o caminho viável para que possamos superar os desafios educacionais que a realidade educacional brasileira apresenta.

Agradecimentos

Gratidão ao Programa de Bolsas de Iniciação Científica PBIC/UEG, e à parceria com minha orientadora, Maria de Lourdes. Ambos contribuíram para a realização dessa pesquisa e para o meu desenvolvimento acadêmico. Obrigado a todos meus amigos e colegas surdos que lutam por sua cultura, sempre comprometidos com a melhoria da educação em nosso país.



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



Referências

ALBRES, Neiva de Aquino. JUNG, Ana Paula. SURDOS E A EDUCAÇÃO BILÍNGUE EM TEMPOS DE PANDEMIA: O ENUNCIATO DE PROFESSORES EM ANÁLISE. **Fórum linguístico** (Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina). Florianópolis, v.18, n. 4, p. 7029-7043, out/dez. 2021

ALMEIDA, Carla Alcyone da Silva. RODRIGUES, Germana Maria de Araújo. Desafios do ensino remoto para surdos no período da pandemia da Covid-19: uma experiência do Instituto Cearense de Educação de Surdos (ICES). **X Jornada Internacional Políticas Públicas**. Nov/2021

ALVES, Amone Inacia; FERRAZ, Geralda da Cunha Teixeira; PRUDENTE, Thaise Cristiane de Abreu. Formação humana em tempos de pandemia: os docentes, sua vida e o trabalho. **Polyphonia**, v. 31/1, jan-jun. 2020.

BARBOSA, Frederico Kauffmann. Professores com deficiência física no Ensino Superior: Estudo de trajetórias escolares. **Dissertação de mestrado**. Faculdade de Humanidades e Direitos, UMSP. 2009

BARROS, V. DA S.; ALENCAR, F. R. Ensino Remoto Emergencial e Reforma Neoliberal da Educação Brasileira: Tecendo Relações. **EaD em Foco**, v. 11, n. 1, e1596, 2021.

CONRADO, Débora Vasconcelos de Souza; SILVA, Isaack Saymon Alves Feitoza. Estágios Supervisionados do curso de Letras/Libras em tempo de pandemia - utopia ou realidade? **Cadernos de Estágio (Universidade Federal do Ceará)** Vol. 2 n.3 – 2020

REGO, Karla K. ONOFRE, Eduardo. ARAÚJO, Nádia F. NASCIMENTO, Juscelino F. EDUCAÇÃO EM FORMATO REMOTO: ESTRATÉGIAS DE ENSINO UTILIZADAS POR PROFESSORES SURDOS DA UEPB. **e-Mosaicos**, Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ) Vol. 10, n. 25, 2021.

SOFIATO, Cássia Geciauskas; CARVALHO, Paulo Vaz; COELHO, Orquídea. A educação de surdos no Brasil no século XIX e o legado de países europeus. **Revista Educação em Questão**. V. 59, n. 59, p. 1-25, jan./mar. 2021.

PRAUN, Luci. A Espiral da Destruição: legado neoliberal, pandemia e precarização do trabalho. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 18, n. 3, 2020.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



ESTUDOS SOBRE A RELAÇÃO AGROECOLÓGICA E LUTA PELA REFORMA AGRÁRIA

Costa, Nayara Oliveira¹ (IC - adenilsonenayara22@gmail.com)

Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Sudoeste, Sede Quirinópolis.
Av. Brasil, 435
Conjunto Helio Leão III
75860000 - Quirinópolis, GO - Brasil
Telefone: (64) 36512285

Resumo: O presente trabalho almejou a concepção do saber inter-relacionar os saberes agroecológicos que, estão correlacionados na luta pela Reforma Agrária. Dentre as ações que são base para a Reforma Agrária, utilizando a agroecologia como mais uma estratégia em prol a luta, faz de grande notoriedade. Neste contexto, foi realizado o projeto de AGROECOLOGIA COMO ESTRATÉGIA DA LUTA PELA DEMOCRATIZAÇÃO DA TERRA E REFORMA AGRÁRIA NO SUDOESTE GOIANO, sendo realizado conforme as possibilidades, devido a pandemia de COVID-19. Foi realizado momentos presenciais, antecidos de pesquisa bibliográfica sobre os temas e as suas convergências, e o quando possível o estudo no acampamento Leonir Orback, localizado no município de Santa Helena, Estado de Goiás. Havendo assim a objetivação de discutir a apropriação do conceito agroecologia e o seu diálogo com a luta pela posse e permanência na terra, como bandeira na luta pela reforma agrária defendida pelo MST. Saber e conhecer podem ser associados, contudo é preciso soma-los para ter um denominador comum, no que tange a quebra de paradigmas. Assim, muito de aprendeu durante a execução do projeto, e a consolidação dos fatos observados levam uma nova perspectiva dos temas, sendo estes em sua individualidade e/ou em associação

Palavras-chave: Paradigmas. Agroecologia. Ferramenta Estratégica. Agricultura Familiar.

Introdução

Na premissa de preservar o meio ambiente, ações que visa promover e preservar o meio ambiente ganham força, principalmente nas de refazer as ações negativas de cunho antropológico, dentre essas podemos salientar uso indevido dos solos, com aplicação de manejos errados, muitos agrotóxicos, queimada, erosões, desmatamentos, entre outras ações.

No termo agroecologia, observamos que o prefixo “agro” também é utilizado pelo agronegócio, no entanto, na premissa deste presente projeto, estudando sobre



o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e sua luta pela democratização de terras, o “agro” se mescla na disputa pela posse e uso da terra e na produção de alimentos saudáveis e ecológicos.

A agroecologia, como linha política nacional, assume papel importante para o avanço da proposta de Reforma Agrária no país, tanto do ponto de vista de conquista de novos territórios, (...). Neste sentido, considera-se que há a necessidade do MST avançar em sua concepção teórico-conceitual e nas práticas agroecológicas, compreendendo que estas duas vertentes caminham juntas e dialogam constantemente para a construção do conhecimento. (NUNES et.al. 2015, p, 20).

O MST objetiva a prática agroecológica como uma ferramenta estratégica, para fomentar a luta pela Reforma Agrária. Muitos dos que se firmaram nessa luta pela democratização da terra têm tal estratégia aplicada como forma de demonstrar que a terra pode ser melhor utilizada, e ainda como sustento familiar. E nas palavras de Vilhena e Ferreira (2020) na contramão do agronegócio, a agroecologia almeja que o solo seja melhor utilizado, não apenas em monoculturas e com menos danos ao meio ambiente, defendendo uma agricultura diversificada com bases ecológicas.

O Projeto de Pesquisa “A agroecologia como estratégia da luta pela democratização da terra e reforma agrária no sudoeste Goiano” desenvolvido pelo curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás – UEG Quirinópolis, busca analisar as práticas agroecológicas e as lutas dos trabalhadores rurais sendo traçada na conjuntura da reforma agrária. Havendo por objetivo discutir sobre a apropriação do conceito agroecologia e o seu diálogo com a luta pela posse e permanência na terra, como bandeira na luta pela Reforma Agrária defendida pelo MST. Sendo realizando o projeto no acampamento Leonir Orback, localizado no município de Santa Helena, Estado de Goiás.

Material e Método

Para a realização deste projeto incluímos materiais de pesquisas e estudos sobre a agroecologia, para qual, buscamos compreender o que é Agroecologia, pois



ela engloba uma pluralidade de sistemas produtivos e práticas agropecuárias sustentáveis. Feito a parte bibliográfica, foi realizada pesquisa de campo, que devido a pandemia obtivemos momentos no acampamento Leonir Orback. Sendo realizando diálogo com as famílias camponesas, de forma coletiva e individual, para compreender como estão lidando com as terras e as relações produtivas no contexto da agroecologia.

Resultados e Discussão

Observando a ação de utilizar conceitos e as práticas agroecológicas no acampamento do MST, visando também um caráter estratégico para fomentar a luta pela posse de terras, podemos ver uma agricultura saudável e sustentável. Infelizmente, por estar perto demais de uma plantação de monocultura, cana de açúcar e soja, conseqüentemente pelos combates com agrotóxicos por via aérea, não pode ser considerada uma agricultura totalmente agroecológica.

Os membros do MST no acampamento foram orientados no que tange as estratégias para a luta pela Reforma Agrária, almejando uma proposta que seja benéfica para o movimento, além de ter seus benefícios para as pessoas acampadas, no que tange a agroecologia e sua aplicabilidade. É importante salientar que não são todos os locais do MST que tem a mesma aplicabilidade, no que diz respeito às diretrizes preconizadas pela agroecologia, contudo trabalham à sua utilização como uma estratégia política. Conforme Borsatto e Carmo (2014, p. 645) o MST e a “luta pela reforma agrária no Brasil, vem mudando de forma radical o seu discurso para uma proposta mais coerente com as diretrizes preconizadas pela agroecologia”.

Assim, analisando e vendo a aplicação de conceitos em prática, além das grandes divergências em informações, loco e mídias digitais, podemos ver que para ter suas considerações é preciso conhecer as duas faces da moeda. Grandes experiências são fomentadas quando temos a oportunidade de ver a realidade em suas formas e configurações. Contudo, a observação de um acampamento do MST



depende também dos que ali estão ocupando os espaços territoriais, pois há pessoas boas e ruins em todos os lugares.

Considerações Finais

Dentro dos momentos teóricos na busca por saberes bibliográficos, e no fomento da compreensão dos conceitos do MST e da agroecologia, é possível compreender de forma satisfatória a importância da coligação de ambos. E nos momentos presenciais em campo, no acampamento, foi no momento de divergência de conceitos e da queda de paradigmas.

Saber algo é almejar ter respostas para perguntar, que não sabíamos que precisávamos de respostas, por já considerar algo resolvido. E, nesse contexto, podemos considerar a importância de manter os estudos contínuos, no cenário global e principalmente local. Haja visto tais colocações, e diante do apresentado, considera-se que este projeto contribuiu no diálogo e na partilha de ideias, tendo como oportunidade aprender sobre a realidade de um dos movimentos em prol da democratização da terra e da produção de alimentos saudáveis.

Portanto, foi possível ter o diálogo direto com os ocupantes das terras, vinculados ao MST e saber pela visão deles como é estar no movimento. Há quem é morador fixo e quem não, saber como são as organizações e as divisões de tarefas, além de ver situações diferentes em um mesmo ambiente. Tal ponderação é salientada pelas duas oportunidades de ir no acampamento escolhido para este projeto, pois momentos distintos retratam a evolução um espaço geográfico pelo viés da ação antropológica. O presente projeto é de grande relevância, merecendo sua continuidade e divulgação.



REFERÊNCIA

BORSATTO, Ricardo Serra; CARMO, Maristela Simões do. **O MST e a Edificação de Uma Proposta De Reforma Agrária Baseada Em Princípios Agroecológicos.** RETRATOS DE ASSENTAMENTOS, v.16, n.2, 2013

NUNES, Patrícia Joia; MARJOTTA-MAISTRO, Marta Cristina; SANTOS, Rafael Virgínio dos. **Agroecologia no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra:** Reflexões Acerca de Avanços e Limites em Assentamentos Rurais do Estado de São Paulo. Trabalho de Conclusão apresentado no Curso de Especialização em Estudos Latino-americanos da Universidade Federal de Juiz de Fora, em 2015.

Disponível em: <https://uniara.com.br/arquivos/file/eventos/2016/vii-simposio-reforma-agraria-questoes-rurais/sessao1c/agroecologia-movimento-trabalhadores-rurais-sem-terra.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2022.

VILHENA, Luiz Felipe Nazaré; FERREIRA, Laura Angélica. **Reforma agrária popular do MST:** avanços e limitações da proposta agroecológica no PA Abril Vermelho, em Santa Bárbara-PA. Revista Retratos de Assentamentos, Vol. 23 N.2 de 2020. Disponível em: <https://retratosdeassentamentos.com/index.php/retratos/article/view/410/360>. Acesso em: 14 fev. 2022.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



FUNDAMENTAÇÃO DA VISÃO SOBRE O PENSAMENTO DA FIGURA DE USTRA COMO PATRIMÔNIO EM DEFESA DOS DIREITOS E DA DEMOCRACIA NO TEMPO PRESENTE

Nicolas Silva Dos Santos* (IC), nic.nicola2001@hotmail.com
Marcos Vinicius Ribeiro (PQ)

Universidade Estadual de Goiás Câmpus Sul - Sede: Morrinhos. Rua 14, Nº 625, Jardim América,
Morrinhos – GO, 75650-000.

Resumo: Em 1985 são abertos os documentos secretos da Ditadura Militar (1964 – 1985) e que apresentariam supostos crimes cometidos nos Centros De Operação De Defesa Interna. Isso abriu o debate sobre as representações de figuras que seriam supostas torturadoras entre o período militar para defensores dos direitos humanos e a democracia, pós repasse ao Brasil democrático de direito (1985). Com base a pesquisas bibliográficas e revisão de fontes secundárias, o estudo aponta o revisionismo à figura de Ustra em prol da construção do imaginário social do período de (1964 – 1985) e como retroalimentam o discurso entre as narrativas nas estruturas informais dos sites e rede sociais da Inter.

Palavras-chave: Revisionismo. Ditadura Militar. Direitos Humanos.

Introdução

Durante o repasse de poder da Ditadura Militar (1964-1985), houveram diversas discussões sobre a ressignificação cultural do golpe militar que assegurava o imaginário de figuras como a de Carlos Alberto Brilhante Ustra, de torturador para defensor dos direitos humanos e da democracia nos tempos atuais. O intuito da pesquisa é investigar se há distorção da representatividade de Ustra, através do revisionismo em que seu livro *A Verdade Sufocada* (2006). O contexto sobre a finalidade da representação de Carlos Brilhante Ustra como patrimônio em defesa dos direitos e da democracia em evidência no Brasil a partir de 1988, é necessário olhar para a transição do processo histórico do Brasil, de Ditadura Militar (1964) para o Democrático (1989). Desse modo, o presente estudo visa analisar o revisionismo à figura de Ustra em prol da construção do imaginário social do período da ditadura.



Material e Métodos

O intuito da pesquisa é investigar se há distorção da representatividade de Ustra, através do revisionismo na obra *A Verdade Sufocada* (2006), e como forma de propagação estruturada entre os estudos informais se relacionam. São analisados o processo de fontes secundárias, como jornais e rede sociais, destacando o perfil de Eduardo Bolsonaro (facebook) e a *Escola Politécnica De Saúde Joaquim Venâncio*, as quais expressam a legitimidade de figura de Ustra em defesa da democracia e dos direitos humanos.

Resultados e Discussão

Carlos Brilhante Ustra foi um dos Coronéis em ativa do exército brasileiro, ex-chefe do Centro de Operação e Defesa Interna do II Exército (DOI-CODI), durante o período militar. Foi responsável por vários desaparecimentos que evidenciam a construção ativa da tortura operante nos DOI-CODIS estabelecidos em todo o Brasil. No entanto, a construção da narrativa feita durante o repasse político transitório foi reeleita como defensora da democracia, visando distanciar os inúmeros crimes contra a humanidade e seus direitos. Essa releitura não apenas beneficiou Ustra em se defender dos seus atos, mas também muitos outros chefes participantes do período militar, também foram concebidos uma situação de anistia, junto com a inviabilidade da quebra de sigilos que ressalta o processo do regime de 1964-1985.

O motivo da releitura das grandes figuras do período militar, mostram um objetivo muito claro, que fortalece o pensamento da base política de direita no Brasil, mas também leva à tona a discussão da interpretação do que foi o período militar para com o pensamento da sociedade pós-regime e como ela se relaciona com seu



passado. Por conta dessa discussão, o revisionismo historiográfico brasileiro se faz a frente do processo da construção da narrativa distorcida no intuito de entender seus processos e reformula-los.

A abertura da discussão de tornar a figura de Carlos Brilhante Ustra um patrimônio em prol da defesa dos direitos e da democracia é fortalecida pelo revisionismo a partir das falas do próprio coronel, em *A Verdade Sufocada* (2006). Ustra nega a sua participação e a do exército, na estrutura do (DOI-CODI) de São Paulo, do II Exército Brasileiro em relação as mortes e desaparecimento por qualquer ato de tortura, mostra-se também a sua interpretação pessoal do que eram as ações estabelecidas pela ditadura no contexto de polaridade entre União Soviética e Estados Unidos durante a Guerra Fria (1964). O coronel tem um relacionamento perante a época, muito sentimental e alusivo a seus familiares que também viveram as consequências do regime, e por tanto sua dinâmica em entender seu processo histórico se fez respectivo a defesa dos seus direitos e liberdade do poder brasileiro sobre a suposta revolução comunista, essa construção biográfica que interliga seus sentimentos de protetor familiar e nacional, justificaria o pensamento sobre a futura figura de Ustra em prol da democracia. A visão mostra o caminho em questão que o revisionismo tenta apropriar para se tornar evidencia histórica, mesmo que haja por um outro lado, vários documentos, vestígios e eventos que provam o contrário.

Das conversas mantidas com o pessoal da Brigada, meu pai fez um croqui que permitiu, 20 anos depois naquele combate, encontrar o local onde os corpos foram enterrados. Ele foi até lá com um outro ex-soldado, que também participaram da coluna (coluna Prestes). Retiramos os restos mortais de Lupes (Tio de Ustra) e do seu companheiro e os levaram para Santa Maria. Estão no tumulto da nossa família, no cemitério municipal. Essas histórias povoaram meus sonhos de menino, com a cabeça repleta de aventuras. Começou aí, creio eu, a minha vontade de ser militar (USTRA, 2006, p. 33).

O revisionismo procura construir a imagem da figura de Ustra, apontando juízo



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



de valores, como o patriotismo, religiosidade e o âmbito familiar para aproximar seu público alvo do que seriam as boas tradições de um “sistema social” a ser seguido, relacionando-a à figura do coronel. Portanto, a narrativa da dualidade se expande, do “nós contra eles”, entre o “bem e o mal”, os patriotas dotados de espírito e a boa vontade de liderança, contra os inimigos externos da família e da identidade nacional, os “comunistas”.

Essa narrativa tem um ponto de localidade específico e muito eficiente na sua transmissão ao público. Atualmente a internet tem se mostrado um lugar de fácil acesso a esses conteúdos que implicam na distorção do fato histórico, causando a fortificação do senso comum sobre a reformulação da figura de Ustra e do imaginário da direita conservadora. As redes sociais se tornaram a base de identidade do revisionismo, onde o leitor de seus conteúdos é doutrinado pela sensação de confiabilidade sobre as matérias e estudos sugeridos, porém, estão repletas de ressignificação histórica, sem métodos científicos que constrói a defesa das teses investigadas.

É necessário lembrar que a história é uma construção histórica, criada pelo ponto de vista científico, não se beneficia de narrativas distorcidas do processo histórico, os estudos informais não se responsabilizam pelos métodos e caminhos a serem seguidos, pois estão atrás da construção do imaginário popular, que beneficiam um grupo político socioeconômico e seu idealismo retrógrado. A construção da narrativa se torna consequência para a fundamentação do imaginário, senso comum, que tem como função, edificar uma história cultural, narrativas e benefícios que levam à tona o retrocesso imaginativo do fascismo interligado ao senso comum do social em pilares conservadores.

Por consequência do revisionismo, os comportamentos antidemocráticos, a reformulação do imaginário da figura de Ustra, as tradições que ainda se reverberam na sociedade a partir de uma construção do que foi o período militar, remete-se, ao



historiador, projetar sintomas que retrocedem o processo político democrático de direito estabelecido no Brasil em resposta ao período de Ditadura, tende-se a preferir pela construção social, do imaginativo da época do período militar, fortificando ainda mais a confiabilidade no processo narrativo sobre o científico de fazer história.

Em 2016, durante a votação do impeachment contra a ex-presidente Dilma Rousseff, Bolsonaro em sua votação, faz um agradecimento para Carlos Brilhante Ustra que correlaciona ao golpe civil-militar de 1964 com o presente evento, fazendo alusão mais uma formalização de sentimento de vitória contra os opositores.

Perderam em 64 (1964), perderam em 2016 (Impeachment de Dilma Rousseff), pela família e pela inocência das crianças dentro da sala de aula que o PT nunca teve, contra o comunismo, pela nossa liberdade, contra o Folha de São Paulo, pela memória do coronel Carlos Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, pelo exército de Caxias, pelas nossas forças armadas, por um Brasil acima de tudo e por um Deus acima de todos o meu voto é sim (PODER 360, 2021).

O discurso de Bolsonaro não retrata apenas o revisionismo como forma de estudar a sociedade civil-militar da época, mas nos mostra a expansão do mesmo nos tempos atuais, fomentado de discurso que revelam a construção social, suas narrativas e a proteção das figuras militares como Ustra.

Considerações Finais

Dada a importância das discussões sobre o assunto, abrem possíveis reflexões sobre o uso dos estudos informais como forma de revisar os conteúdos e explorar apropriadamente de uma estrutura para introduzir os fatos historiográficos, de maneira distorcida, agregando juízos de valores e construindo o imaginário da cultura social do período de Ditadura Militar (1964-1985).

A verdade Sufocada mostra-se exemplar em documentos que ajudam na sistematização do revisionismo em prol da construção do imaginário, através dos



textos que relacionam o sentimento patriótico atual com véis do período militar, dando-a sensação, para os interlocutores que assinam ou de que alguma forma entra em contato com as produções feitas de maneira informal científica de apoio ao sistema militar, como finalidade dos problemas socioeconômicos.

Conclui-se que, a figura de Ustra vem sendo cultivada como berço sobre a defesa dos ideais da direita brasileira, um grupo específico que se radicaliza em torno das ideias militares de (1964 a 1985) e que usam o revisionismo para se constituírem legítimos e prol do poder político fazendo alusão a um ideal de disciplina, patriotismo e nacionalismo como causa final do bem estar social.

Referências

AUNIÃO. Disponível em: <https://auniao.pb.gov.br/>. Acesso em: 11 out. 2022.

BERGAMO, Mônica. Elogio de Mourão a Ustra desonra as Forças Armadas, diz Comissão Arns. **Folha de São Paulo**, 9 out. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/10/elocio-de-mourao-a-ustra-desonra-as-forcas-armadas-diz-comissao-arns.shtml>. Acesso em: 11 out. 2022.

BRANDÃO, Marcelo. Presa política lembra como 'conheceu' o Coronel Ustra, homenageado por Bolsonaro. **Rede Brasil Atual**, 19 abr. 2016. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/presa-politica-lembra-como-conheceu-coronel-ustra-homenageado-por-bolsonaro-3103/>. Acesso em: 11 out. 2022.

CORDEIRO, Tiago. Coronel Ustra, o líder das torturas na ditadura militar. **Super.abril.com.br**, 18 out. 2016. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/retrato-falado-coronel-ustra-o-mestre-das-torturas/>. Acesso em: 11 out. 2022.

GONÇALVES, Igor. Importância da defesa da memória no cenário de revisionismo e negacionismo em relação a ditadura civil, empresarial e militar. **Ujs.org.br**, s/d. Disponível em: <https://uj.org.br/blog/noticias/importancia-da-defesa-da-memoria-no-cenario-de-revisionismo-e-negacionismo-em-relacao-a-ditadura-civil-empresarial-e-militar>



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



a-ditadura-civil-empresarial-e-militar/. Acesso em: 11 out. 2022.

MENDONÇA, Ana. Vídeo: Nikolas Ferreira compara Marielle com o torturador Brilhante Ustra. **Estado de Minas**, 02 jun. 2022. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/06/02/interna_politica,1370734/video-nikolas-ferreira-compara-marielle-com-o-torturador-brilhante-ustra.shtml. Acesso em: 11 out. 2022.

MOTA, Beatriz. "Quando se elogia o coronel Ustra, o que se está fazendo não é mais amenizar, mas reivindicar a ditadura". **EPSJV/Fiocruz**, 01 abr. 2019. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/entrevista/quando-se-elogia-o-coronel-ustra-o-que-se-esta-fazendo-nao-e-mais-amenizar-mas>. Acesso em: 11 out. 2022.

PODER360. Há 5 anos, Câmara abria impeachment de Dilma e Bolsonaro louvava Ustra. **Poder360**, 17 abr. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/ha-5-anos-camara-abria-impeachment-de-dilma-e-bolsonaro-louvava-ustra/>. Acesso em: 11 out. 2022.

PRUDENTE, Neemias. Quem é coronel Ustra, herói de Bolsonaro? **JusBrasil**, 2019. Disponível em: <https://neemiasprudente.jusbrasil.com.br/artigos/743884519/quem-e-coronel-ustra-heroi-de-bolsonaro>. Acesso em: 11 out. 2022.

USTRA, Carlos Alberto Brilhante, **A Verdade Sufocada**: A história que a esquerda não quer que o Brasil conheça. Ser, 2006.

VEJA. Bolsonaro afirma que torturador Brilhante Ustra é um "herói nacional". **Veja.abril.com.br**, 8 ago. 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-afirma-que-torturador-brilhante-ustra-e-um-heroi-nacional/>. Acesso em: 11 out. 2022.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



Protestantes e Católicos: conflitos e aproximações no Estado de Goiás.

História e memória em Goiás: a ancestralidade indígena em perspectiva (2000 a 2021)

Orientador Proponente: Ordália Cristina Gonçalves Araújo (Dra. em História pela UFG)

*Acadêmica e autora principal do trabalho: Maria Fernanda Martins da Silva. (PQ) (IC)

E-mail: mariamartins0304@gmail.com

Universidade Estadual de Goiás, Campus Sudoeste- Sede Quirinópolis.

Resumo:

O trabalho foi feito, como um todo, em cima da concepção da história e memória dentro do estado de Goiás. O principal objetivo era entender como o processo de colonização alterou e afetou, de maneira negativa, a memória da ancestralidade e explicar como tudo isso aconteceu. Entender também como a colonização implicou na ascendência indígena, pois, a cada dia que se passa é importante que a causa indígena seja frequentemente estudada, defendida e discutida para que assuntos como os que foram tratados no trabalho, deixem de ser um problema, uma memória afetiva ruim, e passem a ser motivo de orgulho de tantas famílias que tem relatos no seu âmbito e que ainda não se sentem confortáveis em relatar as suas experiências. O propósito também era entender de que maneira a identidade social implica na construção do que hoje entendemos por memória presente, social, entre outras. Tal ideia nos levou a explorar todos os âmbitos da identidade indígena e, de maneira clara e objetiva, tratar o assunto com respeito e seriedade.

Identidade Social. Memória. Ancestralidade. Colonização. Violência.

Introdução

A principal intenção do trabalho é procurar entender como o processo colonizador implicou no desenvolvimento da chamada ancestralidade dos povos indígenas e seus familiares. A primeira relação com os indígenas em Goiás foi de extremo



interesse externo, que, considerando as circunstâncias, foi de maneira negativa sobre todos. Embora os registros tenham tratado a relação dos colonos com os índios de uma maneira jurídica e liberal, a violência foi um ponto marcante entre a conduta dos colonos com os povos indígenas. No mais, a importância de se conscientizar sobre a luta e resistência dessa população é de grande valor para a formação do país.

A partir do estudo da colonização de Goiás associamos a partir de como e quando a ancestralidade deixa de ser um problema e começa a se tornar um orgulho, algo a ser estudado. Dentre muitas falas usadas perante a ascendência indígena tratada durante o plano, a que mais abordamos e aprofundamos é a seguinte: “A minha avó foi pega no laço” ou “Ela foi pega a dente de cachorro”. Com frequência esse termo se torna pergunta, de que maneira? Ao que foi sujeitada para isso? De onde vem à expressão e ao que se refere?

Então tratamos de concluí-las de maneira que, por mais breve que seja, as respostas pudessem ser encontradas.

É importantíssimo lembrar que tais memórias precisam ser abordadas diariamente, sejam elas oralmente ou documentadas. Esses momentos só nos fazem lembrar o quanto a batalha para chegar até aqui foi árdua, tardia, dolorosa, seja ela vivida ou lembrada. Tais momentos e histórias fazem parte de longos anos de sofrimento sofrido por mulheres no seu maior ápice de tristeza e por isso, para jamais deixar que essa luta caísse no esquecimento, são necessários debates que valorizem uns aos outros.

Material e Métodos

Inicialmente as pesquisas bibliográficas foram para entender o processo colonizador em Goiás. Os primeiros contatos do povo indígena que ocupavam Goiás com os bandeirantes foi o marco inicial para o desenvolvimento colonizador do estado. As influências e o desenvolvimento se deram quando Bartolomeu Bueno chegou às primeiras cidades que hoje são consideradas históricas como Goiás (na época chamada Vila Boa), Pirenópolis e Corumbá de Goiás. Entretanto as expedições de colonização já haviam começado quando Bartolomeu havia chegado.



Posteriormente organizaram novas expedições e aí se deu o início à época do ouro em Goiás durando cerca de 50 anos.

Para entender como se deu o processo de colonização em território goiano precisa-se dizer que os portugueses estavam atrás de ouro, mineração e escravização, juntos à evangelização. Chegaram os bandeirantes e os jesuítas, ambos com pensamentos diferentes. Os Jesuítas tinham como objetivo converter os índios ao catolicismo que para isso os isolaram do convívio social, já os bandeirantes tinham como único e exclusivo objetivo a exploração do ouro e a captura de índios para a escravidão. De acordo com verificações do IBGE, de 100% da população indígena que vivem em terras goianas, apenas 4% vivem dentro de aldeias registradas, homologadas e demarcadas. Os outros 96% moram fora das terras indígenas.

Nota-se que, então, a necessidade de preservar as reservas indígenas, pois a medida com que essas aldeias se dispersam se perde gradativamente a cultura, a simbologia e a representatividade indígena pelo estado. Segundo Mirna Marinho “tais frases se referem à forma pela qual mulheres indígenas foram capturadas, torturadas, laçadas, amarradas e ‘amansadas’ por colonizadores” (2018, p.752). Essa experiência traz em si, a principal fonte das mulheres que sofreram violências tão preocupantes como a que tratei no meu projeto. Todos esses termos como, amansadas, torturadas, remetem a um passado de dor, tristeza e maldade sofrida por pessoas que não escolheram essas situações. Retraturei da maneira mais clara possível, afim de que, a realidade não precisasse ser amenizada para ser aceita e esses relatos fossem trabalhados com verdade.

Basicamente propusemos que fosse tratada e discutida a violência física e psicológica sofridas por mulheres indígenas e trazer para o trabalho científico vivências individuais das mesmas. Foi trabalhado a implicação que a ancestralidade traz para os familiares e qual é a experiência de ter a vivência familiar transformada por tamanha experiência.

Resultados e Discussão

Durante todo o trabalho praticado notou-se a tamanha dificuldade em aceitação dos relatos, é muito difícil adquirir e conseguir que as pessoas relatem suas histórias. Em todas as entrevistas que recolhemos e pudemos analisar os relatos caíram em



esquecimento, por mais que seja uma das principais características da sua identidade ancestral, é como se na maioria das vezes esses só sejam mais acontecimentos que ocorreram com suas avós. Todas as entrevistas que conseguimos foram somente informais, por meio de áudios, e com tudo, grande parte, histórias orais. A dificuldade principal foi encontrar as pessoas e logo depois, se isso viesse a acontecer, obter as suas falas e situações vividas. Com base nos relatos e vivenciando todas essas dificuldades tivemos que procurar outros meios para findar o propósito inicial do projeto, que é entender até que ponto todo esse processo atinge e modifica a vida de quem viveu e vivencia. Contudo, obtivemos ainda alguns relatos e todas as pessoas relataram que naturalmente sobre suas vivências, argumentaram que a história era muito presente e que na maioria se observava o quanto isso era difícil para desenvolver. Apresentavam também situações em que dificilmente a vivência desses momentos era interessante de se relatar, havia muita dificuldade nessa questão. A ideia central era identificar e trazer a ideia de crescimento individual, depois de retratar conflitos internos importantíssimos para o processo de formação pessoal. Em um relato, identificamos a dificuldade que a pessoa obteve por parte dos detalhes, mais esclareceu que essa questão foi extremamente complicada para a pessoa com parentesco próximo a ela. Durante a execução da memória que era também um principal objetivo, a observação feita é que, as marcas deixadas por esse processo dificultam nos relatos, dificultam na vivência dos processos após os acontecimentos. Outro ponto importante observado foi a capacidade da violência de modificar a memória individual, ou seja, a história por trás da vivência alterou o curso de como descrever individual.

Considerações Finais

Considerando todo o final do projeto e analisando todas as dificuldades que encontrei para finalizá-lo, temos que entender a necessidade de se estudar sobre a narrativa indígena diariamente, pois é uma maneira de se resgatar a cultura presente dentro da historiografia indígena. É inegável dizer que boa parte da identidade cultural brasileira é devinda dos povos indígenas, sendo assim, é importante que todos lutem para que isso não seja apagado.



Agradecimentos

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus por ter me permitido saúde para enfrentar todos os desafios que esse trabalho me proporcionou, imensamente agradecer ao programa de bolsas da UEG-PBIC e com tudo agradecer também a minha orientadora professora doutora Ordália pela oportunidade, pela paciência, pela força e pela compreensão, o meu trabalho só chegou até aqui por que ela confiou em mim e na minha competência, com certeza, foram noites a fio e em nenhum momento ela me deixou desistir.

Referências

Goiás. História. Disponível em: <https://www.goias.gov.br/conheca-goias/historia.htm> I, 2019.

Acesso em: MUNDURUKU, Daniel. Minha Avó foi pega no laço. Disponível em: <https://racismoambiental.net.br>, 2018.

Acesso em: REZENDE, Eliana. História Oral. Disponível em: <https://eliana-rezende.com.br>, 2017.

Acesso em: POLLAK, Michel. Estudos Históricos, Memória e Identidade Social, vol.5, Rio de Janeiro, 1992;

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento e silêncio, vol.2, Rio de Janeiro, 1989;

SILVA, Mirna. P.M, minha avó foi pega no laço: A questão da mulher indígena a partir de um olhar Feminista, Goiânia, 2018;

ANDRADE, Juliana Alves. O ensino da Temática Indígena, Recife, 2016;



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão e
Assuntos Estudantis



**Universidade
Estadual de Goiás**



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



Mapeamento do uso da terra e cobertura vegetal nativa do Noroeste Goiano (1990– 2020)

Simone Reis dos Santos ^{Estudante (IC)*} · Laís Naiara Gonçalves dos Reis ^{Pesquisador (PQ)}

simonefadinhafred@gmail.com

Universidade Estadual de Goiás

Resumo

A grande diversidade de espécies de animais e plantas está associada à diversidade de ambientes. Enquanto a estratificação vertical da Amazônia ou da Mata Atlântica proporciona oportunidades diversas para o estabelecimento das espécies, no Cerrado a heterogeneidade espacial parece ser um fator determinante para a ocorrência de um variado número de espécies. Os recursos computacionais disponíveis atualmente propiciaram ganhos significativos para as pesquisas geográficas. O presente trabalho teve objetivo compreender o uso da terra e o problema da fragmentação dos habitats no Noroeste goiano. Para entender o uso do Cerrado a partir da década de 1990, e intensificado nos anos 2000 pelo cultivo de grãos, inclusive com o uso de irrigação na produção e expansão da produção. O presente trabalho justifica-se por avaliar a mudança na matriz de uso e cobertura da terra permite identificar as alterações nas áreas de vegetação nativa e compreender como ocorreu o processo de fragmentação florestal, com o auxílio de Geotecnologias.

Palavras-chave: Cerrado; Vegetação; produção agrícola; cultivo; irrigação.

Introdução

O trabalho realizar-se-á na Mesorregião Noroeste Goiano (imagem 1), localizada na fronteira com o estado de Mato Grosso, a mesorregião Noroeste Goiano é composta por três microrregiões de planejamento: Aragarças, Rio Vermelho e São Miguel do Araguaia (Mapa 1). De acordo com o Instituto Mauro Borges (IMB, 2017), 23 municípios compõem essa mesorregião: Aragarças, Araguapaz, Arenópolis, Aruanã, Baliza, Bom Jardim de Goiás, Britânia, Crixás, Diorama, Faina, Goiás, Itapirapuã, Jussara, Matrinchã, Montes Claros de Goiás, Mozarlândia, Mundo Novo, Nova Crixás, Novo Planalto, Piranhas, Santa Fé de Goiás, São Miguel do Araguaia e



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



Uirapuru. Em 2017, a população estimada na mesorregião era de 227.957 habitantes.

A ocupação do território goiano no século XVIII com o declínio da mineração em diversas regiões do Brasil, quando alguns mineradores organizaram uma expedição no sertão dos Goyazes em busca de ouro (PALACÍN, 1994 apud PÁDUA, 2008). Nesse mesmo período, Bartolomeu Bueno da Silva, conhecido como o segundo Anhangüera, fundou o Arraial de Santana (Cidade de Goiás), localizado entre morros, numa quebrada ao sopé da Serra Dourada, muito próximo das nascentes do Rio Vermelho (PÁDUA, 2008, p. 16), posteriormente convertido em Vila e depois em cidade.

Para compreender o uso da terra e o problema da fragmentação dos habitats no Noroeste goiano fez-se uma revisão histórica de ocupação dessa região. Nas décadas de 1970/1980, com aumentos significativos no rebanho bovino, apresentando relação direta com a construção da Estrada do Boi e seus prolongamentos, como a integração de municípios como Mozarlândia e Aruanã à atividade pecuária. Surgem também novas aglomerações urbanas como Nova Crixás, Mundo Novo, Araguapaz e Novo Planalto (BARREIRA, 1997).

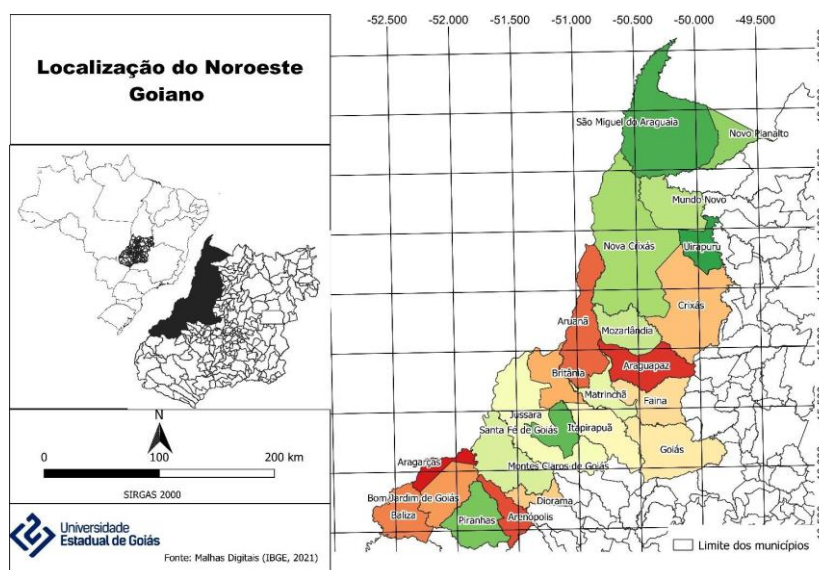


Figura 1. Mapa de localização do Noroeste goiano. (Fonte: Simone Reis dos Santos)

A partir da década de 1990, e intensificado nos anos 2000 pelo cultivo de grãos, inclusive com o uso de irrigação na produção, objeto de estudo do projeto aqui proposto. A expansão das atividades agrícolas no Noroeste Goiano, sobretudo na depressão do Araguaia, deve-se principalmente à escassez de áreas disponíveis para a agricultura no Sudoeste Goiano e no Vale do Rio dos Bois, ao alto valor das terras e aos conflitos de uso destas terras, sobretudo a partir da instalação de usinas de bioenergia nestas regiões.

Este trabalho justifica-se, pois, avaliar a mudança na matriz de uso e cobertura da terra permite identificar as alterações nas áreas de vegetação nativa e compreender como ocorreu o processo de fragmentação florestal. Com o auxílio de Geotecnologias, torna-se possível indicar, na composição da paisagem, manchas de vegetação remanescente e, por sua vez, propor a delimitação de corredores ecológicos, unidades de conservação e áreas prioritárias para recomposição da vegetação nativa, garantindo a qualidade ambiental da região.

Neste sentido, avaliar a mudança na matriz de uso e cobertura da terra permite



identificar as alterações nas áreas de vegetação nativa e compreender como ocorreu o processo de fragmentação florestal. Com o auxílio de Geotecnologias, torna-se possível indicar, na composição da paisagem, manchas de vegetação remanescente e, por sua vez, propor a delimitação de corredores ecológicos, unidades de conservação e áreas prioritárias para recomposição da vegetação nativa, garantindo a qualidade ambiental da região. O **objetivo geral** desta pesquisa será mapear o uso da terra e cobertura vegetal nativa do noroeste goiano (1990-2020).

Material e Métodos

O Mapeamento multitemporal do uso e cobertura da terra e análise da matriz de mudança foi feito por meio da organização dos dados do Projeto Mapbiomas. Foi feito o recorte espacial da matriz de uso da terra e cobertura vegetal nativa para o noroeste Goiano, as classes consideradas no mapeamento foram: Cana-de-açúcar, cerrado, corpo d'água, formação florestal, formação campestre, mineração, outras lavouras temporárias, outras áreas não vegetadas, pastagem, silvicultura, soja e área urbana. A organização da cartografia digital foi feita no software Arcgis 10.0. Os dados foram tabulados e expressos em forma de tabela organizados no software Excel.

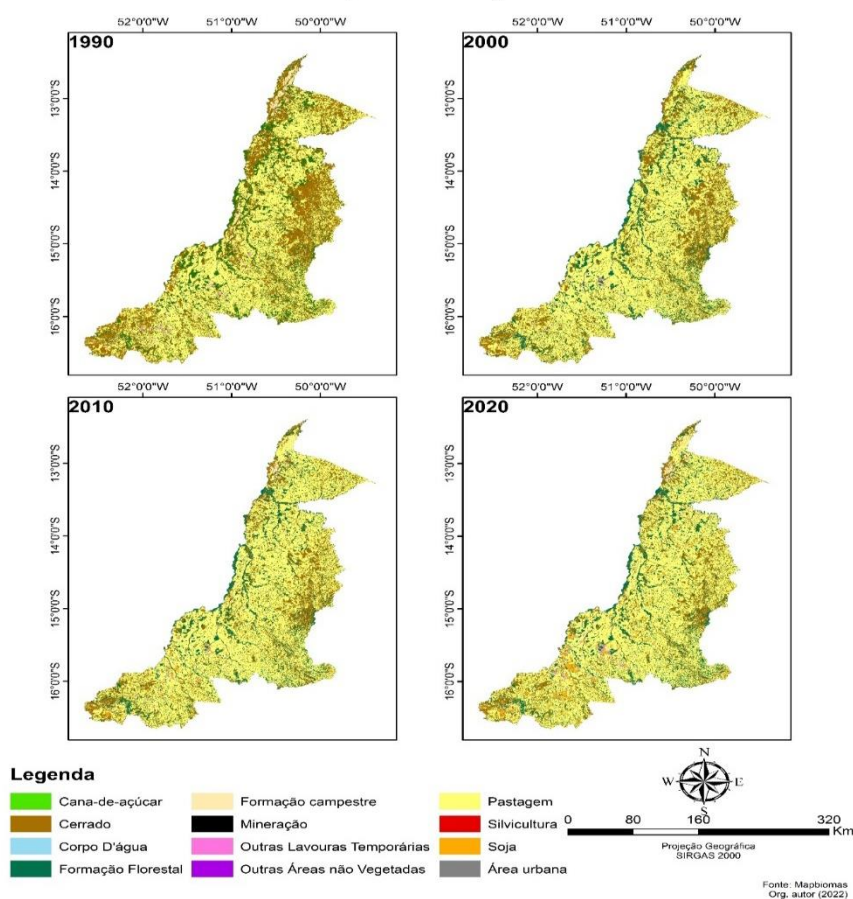
Resultados e Discussão

O mapa 2 mostra a dinâmica do uso e da cobertura vegetal nativa da área de estudo.



Mapa 2 – Dinâmica do uso da terra e cobertura vegetal natural do Noroeste Goiano (1990 – 2020).

**Uso da terra e cobertura vegetal natural do Noroeste Goiano
(1990 - 2020)**



Na mesorregião, o aumento na área colhida com soja de 2010 para 2016 foi de 460%, saltando de 21.700 ha para 121.629 ha, levando à conclusão de que esta é a principal área de expansão da atividade agrícola no Estado de Goiás (IBGE; IMB, 2017). Além do aumento expressivo das áreas agrícolas, foi identificada uma área de 27.000 ha de agricultura irrigada por pivô central (SIEG, 2018).

Conforme demonstrado pelo mapeamento multitemporal do uso da terra e



cobertura vegetal do Noroeste Goiano (Mapa 2), as atividades que mais se destacaram nesse período foram: pastagem e lavouras temporárias e de vegetação nativa: formações florestais, cerrado, e formações campestres.

	Km ²			
Classes	1990	2000	2010	2020
Pastagem	28948,3	32761,8	35075,3	34873,8
Cerrado	16624,4	13387,3	22105,6	9903,93
Formação Florestal	9388,43	7787,58	7137,72	7521,34
Formação campestre	0	1028,68	845,797	796,708
Corpo D'água	345,07	363,274	378,494	370,447
Lavouras Temporárias	292,7	203,96	294,243	643,484
Soja	0	33,8463	262,962	1376,21
Outras áreas não vegetadas	24,02	46,3816	25,145	55,4258
Área Urbana	23,31	33,1807	43,3691	51,5125
Mineração	1,59	1,91434	1,12617	1,26458
Cana-de-açúcar	0	0	0,26319	5,78771
Silvicultura	0	0	0,08615	8,0556

É possível observar através dessa tabela que durante a década de 90 houve um aumento significativo do uso da região Noroeste para cultivo e plantio de pastagem. Dados do IBGE de 2000 até 2018 apontam a dinâmica de ocupação no Centro agrícolas e de pastagem com manejo sobre áreas de vegetação florestal e de vegetação campestre e pela substituição de áreas de pastagem com manejo por áreas agrícolas de silvicultura, sendo essa última transformação do território mais intensa a partir de 2012. Entre 2000 e 2018, foi a região que apresentou o maior incremento absoluto de área agrícola (87.321 km²) (IBGE, 2018).

Considerações Finais



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



Para o contínuo de remanescentes de vegetação nativa existentes na porção Centro-norte da área de estudo, o modelo e o interpolador empregados apresentaram bons resultados no mapa de predição. O projeto Mapbiomas também mostrou potencial a vegetação nativa da área de estudo encontra-se ameaçada por algum uso antrópico, como é o caso das pastagens existentes no Noroeste goiano, conversão de uso mais proeminente.

Agradecimentos

Agradecemos a Universidade Estadual de Goiás pelo financiamento da bolsa BIT/UEG. E a Universidade Federal de Jataí, em específico ao Programa de Pós-graduação em Geografia ao qual a pesquisadora está vinculada, realizando projeto de pós-doutoramento.

Referências

ALMEIDA, Giovanna Soares; VIEIRA JÚNIOR, Pedro Abel; RAMOS, Pedro. Os programas de desenvolvimento econômico do centro-oeste brasileiro e suas consequências: anos 60 e 70. *In: Anais do VII Congresso de La Asociación Latinoamericana de Sociología Rural*. Quito: 2006.

BRANDÃO, A. S. P.; REZENDE, G. C. de; MARQUES, R. W. da C. **Crescimento agrícola no período 1999-2004, explosão da área plantada com soja e meio**



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



ambiente no Brasil. Rio de Janeiro, RJ: IPEA, 2005.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão e
Assuntos Estudantis



**Universidade
Estadual de Goiás**



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



Indústria 4.0, Educação 4.0 e Aulas Remotas: uma análise de dificuldades e possibilidades no curso de Pedagogia da UEG

¹ **Jeferson Rodrigues Lopes**, “acadêmico de Pedagogia da UEG Câmpus Oeste, Voluntário de Iniciação Científica e Iniciação Tecnológica. Membro do GEFOPÍ”. E-mail: jefersonlopes189@gmail.com.

² **Andrea Kochhann Machado**, “Pós-doutoranda em Educação pela PUC Goiás, coordenadora do GEFOPÍ - Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade é professora da UEG desde 2002, docente do PPGET/UEG”. E-mail: andrea.machado@ueg.br.

³ **Nay Brúnio Borges** “Mestranda e bolsista pelo Programa de Pós Graduação em Gestão, Educação e Tecnologias pela Universidade Estadual de Goiás, professora da UEG; Membro do GEFOPÍ- Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade”. E-mail: nay.borges@ueg.br.

Universidade Estadual de Goiás, Campus Oeste Sede São Luis de Montes Belos

Resumo: O tema dessa pesquisa é o conceito de Educação 4.0, considerando o uso da tecnologia para as aulas remotas, no desenvolvimento da aprendizagem de alunos do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás, Campus Oeste, São Luís de Montes Belos, no ano de 2022. Para a coleta de dados entre os acadêmicos, foi utilizado um questionário via Planilhas Google, esperado em uma determinada análise de formação educacional. O método de pesquisa está implicado ao materialismo histórico-dialético, considerando as categorias da totalidade, contradição e mediação. A pesquisa é qualitativa, teórica e empírica.

Palavras-chave: Educação 4.0, Tecnologias, Indústria 4.0. Aulas Remotas.

Introdução

Por meio, desse trabalho de pesquisa científica com atual é baseado em Indústria 4.0 e Educação 4.0 com aulas remotas, vinculado ao macroprojeto "Formação docente e trabalho docente: o par dialético, prática emancipatória crítica" e a pesquisa indica.

Assim, este trabalho é um recorte da pesquisa tendo como problema “Quais as dificuldades e possibilidades do Ensino Remoto no Curso de Pedagogia da UEG?

No ano de 2020, o MEC (Ministério da Educação) autorizou até final de 2021 as aulas remotas, para justificar pandemia SARS-CoV-2, verificado pelo Decreto nº



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



343/2020, que discute substituir cursos presenciais por cursos de mídia digital. Sendo cursos presenciais mediados por tecnologias, enquanto a situação de pandemia continuava. O MEC tomou tal decisão tendo em conta a Organização Mundial de Saúde (OMS saúde), devido ao alto índice de contágio e transmissão o vírus tomou essas precauções. As aulas remotas podem estar alinhadas com o conceito de Educação 4.0.

A Educação 4.0, apresenta como um conceito inicial a aproximação do aluno com a proatividade, em que os alunos ao lado de seus professores constroem seus conhecimentos de maneira ativa e agenciando em equipe. Assim mesmo não interdita que compreendam alguns com os outros para serem atores no sistema de educação, eles se convergem na prova e no sistema, pois essa revolução educacional fez a últimas formas de métodos de ensino. Por forma dessas complicações, objetos, tecnológicas como tablets, PCs e smartphones aparem ser empregues para desenvolver o ensino em sala de aula (interno e externo) e sistemas administrativos para gestão educacional, etc.

A mesma também conta com pesquisa empírica, realizada por meio de questionário enviado via WhatsApp para discentes do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás, Campus Oeste, sede São Luís de Montes Belos, no ano de 2022, este apresenta-se como questionário misto, elaborado e aplicado via Google Forms.

O trabalho apresenta-se com estrutura de sub eixos nos quais se discorre sobre a Educação 4.0 e o uso das tecnologias nas aulas remotas com base em discussão teórica, seguido dos desafios apresentados durante o ensino remoto, finalizando com discussão empírica concomitante a Educação 4.0 considerando o uso das tecnologias nas aulas remotas na perspectiva dos alunos do curso de Pedagogia da UEG. A temática tem como motivação por meio das grandes mudanças na modalidade de ensino provocado pela emergência da situação mundial, nesse



sentindo motivando algumas reflexões a respeito da compreensão do contexto atual.

Material e Métodos

O método de pesquisa envolveu o materialismo dialético histórico, considerando as categorias de totalidade, contradição e intermediário. A pesquisa é qualitativa, teórica e empírica. Como *corpus* teórico, utilizou os seguintes autores: Führ (2018); Carters (1999); Schwab (2016), et al. Como *corpus* empírico, foi um Estudo de caso, com questionário misto de acadêmicos de Pedagogia da UEG, detalhado no Planilhas Google e enviado para WhatsApp, retornando uma amostra aleatória dentro de um determinado período.

Resultados e Discussão

Parafraseado Führ (2018) Por muito tempo, dada a necessidade de alternativa levada pelo progresso e o costume rompedor existente, surge que a educação não é capaz mais ser o que foi nas últimas décadas; assim mesmo nos manda a partir um, marca completamente concorrente em favor de um modelo que abrange um espelho para todos os atores, não apenas um matriz minoritário de cooperação.

Nos últimos anos, a conhecimento mudou como trabalhamos, ligamos e estudamos, e na Educação 4.0, as tecnologias de informação e comunicação aumentaram habilidades de ensino mais complacentes à aquisição dos alunos, pois esses recursos tecnológicos principais, como computadores conectados, não exigem grandes investimentos em favor de sistemas ativos de ensino.

Quando pensamos na pandemia da COVID-19, diretamente é levado em consideração assuntos negativos, especificamente, quando se trata da educação. É mais preocupante em relação à aprendizagem, isso englobando o abandono aos estudos. Segundo Felcher e Folmer (2021) as tecnologias digitais tornaram-se de



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



suma importância para a continuidade do ensino durante o período pandêmico, isto no formato de ensino remoto.

Sobre as tecnologias, Indústria 4.0 e Educação 4.0, é repensar o mundo em uma delineação inovadora, é também cheia de obstáculos ou dificuldades que surgem no decorrer, isto os desafios podem ser diversos no tocante a utilização dos recursos tecnológicos na educação, incluindo no aperfeiçoamento nas práticas de ensino, nos métodos utilizados e no engajamento dos alunos, principalmente no e si, trata no acesso estes mesmos.

Para compreender os movimentos de ensino e aprendizagem antes das aulas à distância no contexto da pandemia do e as contradições da Educação 4.0, foi aplicada um questionário misto aos alunos de 2º, 3º e 4º anos de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás, Campus Oeste, Sede São Luís de Montes Belos, 23 alunos participaram, sendo 22 mulheres e 1 homens.

Ressalta-se que as perguntas feitas em simultâneo, concluem a compreensão dos alunos sobre o uso das tecnologias, abordagem metodológica transitória ao ensino à distância, processo inconsistência, 7 perguntas foram feitas no questionário, das quais 1 foram fechadas e 6 estavam abertas perguntas além da perda de vidas, a pandemia trouxe diversos desafios para todos os setores da organização ao redor do mundo.



Quadro 1. Recursos utilizados nas aulas pandêmicas

FERRAMENTAS UTILIZADAS PARA ACOMPANHAR AS AULAS REMOTAS	
7º período	Google Meet
7º período	Celular
7º período	Celular
7º período	Celular e Notebook
7º período	Notebook e celular
7º período	Celular e as vezes computador
7º período	Notebook, celular.
5º período	Celular e notebook
7º período	Celular/notebook
7º período	Smartphone e Notebook
7º período	Celular
5º período	Celular e notebook
5º período	Computador e celular
7º período	Notebook
5º período	Notebook e celular
7º Período	Celular, computador, plataforma do Google Meet e Google Classroom.
5º período	Computador, celular
5º período	Computadores
3º Período	Notebook e celular
3º período	Notebook
5º período	Celular, computador de mesa
5º período	Celular na maioria das vezes
5º período	Whatsapp, Google Meet, Google Classroom.

Fonte: Google Forms (LOPES, 2022)

Mediante o Quadro n. 1 é possível afirmar que os alunos como mencionado acima, todos os atores sinalizam para as TIC de forma positiva, discuta o dinamismo da aula, a importância de usá-los para que diferentes pessoas lugares para aprender e reduzir o tempo de conversa entre pares, conveniência de aprendizado e outros eixos são considerados nas respostas dos alunos. Infere-se disso que a cinética Educação 4.0 pode ser vista em termos de aceitação de uso tecnologia certos alunos estão envolvidos. No entanto, é necessário sinalizado por conveniência, como questões questionáveis, porque o uso desses recursos permite que os alunos questões organizacionais, prepare-se com antecedência, ambiente, dinâmica do tempo, como eles estão em na maioria das vezes em aula com a câmera desligada, ou seja, não sei se acesse perguntas, preferências ou ignore aulas.

Quadro 2. Recursos tecnológicos são inovadores?

TIC inovação ou atraso?
Sim, pois possibilidade agilidade sem demandas tempo e desgaste
Sim (3 respostas)
Sim, pois amplia o conhecimento, já que permite ter maior acesso às informações.
Sim, porque é uma maneira de ajudar as pessoas que trabalham, então dá uma opção a mais.
Sim, pois dá oportunidade pra quem não pode ou não tem como estar presencial.
Sim. Todo instrumento que busque promover aprendizado de modo mais simplificado e rápido é considerado inovador na minha opinião. Basta fazer o sábio uso das TICs.
Sim, com o grande desenvolvimento na tecnologia e criação de novas metodologias de ensino, a educação tem evoluído muito, como exemplo, aplicativos de ensino, video aulas, etc.
As TICs com certeza evoluíram o processo no ensino superior, pois possibilita mais rapidez e facilidade na transmissão de informações e dos materiais didáticos (livros, artigos, documentos).
Sim! São ferramentas que podem ser utilizadas para aprendizagem.
Sim, é necessário estarmos preparados para enfrentarmos momentos como esse que vivemos na pandemia. Muita gente, incluindo até mesmo professores, não sabiam nem mesmo o básico de TIC.
Sim, pois muitos precisam dessa comodidade, às vezes deixam de estudar por não ter como ir presencial, por vários fatores.
Sim, através da pandemia, ficou mais nítida a importância da tecnologia para o ensino superior.
Sim, pois há uma vasta área que pode ser trabalhada através de tal.
Inovador não, mas como uma ferramenta que auxilia o aprendizado
Sim, porque auxilia bastante na aprendizagem e para alunos de outra cidade facilita bastante estudar estando em casa.
Na minha concepção as TICs são artefatos mediadores para ensino e aprendizagem. Através da tecnologia há um imenso acervo de informações e possibilidades de formação, cursos profissionalizantes, pesquisas, formação continuada, comunicação com o mundo, etc. Entretanto, não vejo as TICs como a solução de todos os problemas que a educação superior tem apresentado, vejo mais como um meio para uma melhor qualidade do ensino.
Sim. Mas não podemos exagerar
Vejo que facilita mas não é mesma coisa aulas presencial
Sim, de tamanha eficiência para o esclarecimento de dúvidas e também o complemento da aprendizagem
Sim, pois possibilita acesso de pessoas de diferentes lugares visto que alguns municípios não possuem universidade
Sim, pois tem muito a agregar na aprendizagem em si e nas variadas formas de dinamizar o ensino não ficando preso aquele ensino prático e repetitivo baseado em aulas expositivas. As TIC's possibilitam formas amplas de aprendizagem.

Fonte: Google Forms (LOPES, 2022)

Quadro 3. Potencialidades e dificuldades do uso das tecnologias: contexto remoto

Respostas positivas	Respostas negativas	Respostas intermediárias
E aprendi a usar novo métodos de ensino e aprendizagem; Compartilhar conhecimento em ferramentas de fácil alcance, como o WhatsApp; Foi possível aprender a mexer em diversas plataformas online; Melhoramento da concentração e leitura; Não excelentes, mas boas; Boas possibilidades aprendi me desenvolvi, apresentamos seminários, fizemos sarau, peças tudo online eu particularmente gostei bastante desse ensino remoto; As aulas remotas ocasionaram vários desafios, mas também possibilitou novas formas de estudos, de aprendizagem. Desenvolvi bastante minha autonomia nas pesquisas e estudos. E aprendi a ter disciplina em separar o momento da aula das demais distrações; Ter lidar com as tecnologias; Acesso a internet, porque pude encontrar muita informação; Estudar no conforto do meu lar facilitou meu dia a dia; De conhecer novas ferramentas, desafios; Conhecer diversas ferramentas que dinamizou o ensino o tornando mais atrativo; Desafios diários para aprender novas tecnologias; Além de ter tempo melhor pra fazer as coisas, vi que conseguia otimizar as atividades; Flexibilização de horários e matérias; Maior flexibilidade; Maior facilidade em participar das aulas por não precisar se deslocar e ir para no campus.	Acho que muitas coisas ficaram a desejar com falta de informações; Aprendi que precisamos do contato humano, é necessário estarmos junto com outras pessoas; 40%; Nem uma.	As possibilidades foram medianas, levando em consideração disciplinas que precisam de aulas práticas e que não foram possíveis de acontecer. No entanto todo conhecimento teórico foi ministrado com excelência nas mais diversas metodologias fazendo com que fosse bem concebido pelos alunos; Poucas, mas significativas;

Fonte: Google Forms (LOPES, 2022)

Mediante o Quadro n. 2 é Quadro de n. 3 possível afirmar que os alunos, tecnologias como Mecanismo de aprendizagem inovador para tornar a aprendizagem mais importante no ensino superior. Através da tecnologia, como cabe à maioria, são muitas informações e possibilidades Pode até ser explorado remotamente. Precisava Saliente que, para alguns alunos, a exposição a coisas novas métodos proporcionam o desenvolvimento de outras habilidades, pesquisa e leitura e organização do tempo. No entanto, para um total de 3 entrevistados, eles foram Menos de 50% da turma não



acha que é fácil aprender sozinho porque precisa entrar em contato com a outra parte, a outra parte pode enviar um sinal. Problemas psicológicos causados pela pandemia. 2 entrevistados estão no meio, indicando pouca contribuição, e aproveite as probabilidades médias. Assim, em 23 18 entrevistados expressaram vontade de aprender nos cursos a distância.

Quadro 4. Aulas remotas e suas dificuldades

Problemas técnicos
O acesso às aulas do Google Meet devido à falta de estabilidade da internet;
Sinal de Internet que atrapalhou um pouco;
Acesso a internet;
Instabilidade na internet;
Falta de internet e dificuldades para acompanhar as aulas;
Às vezes queda em energia, ou internet ruim;
A internet de péssima qualidade;
As maiores dificuldades foram os problemas de conexão e o excesso de atividades que nos foram passados. Um ponto negativo foram os estágios que não aconteceram como prevíamos, esse momento foi muito esperado e seria a oportunidade de desenvolvermos nossas apreensões teóricas, e ver na prática tudo que foi estudado;
Sem dificuldades
Eu particularmente não tive nenhuma dificuldade;
Dificuldades particulares
Dificuldades de dominar o novo, saindo do comodismo, administrar os aparelhos;
A maior dificuldade foi a falta de concentração devido as aulas serem ministradas num período de 4h seguidas, tudo se tornou muito denso e cansativo;
A interação com os alunos, com os professores presencialmente;
A concentração, e às vezes falta de motivação;
Em aprender, desenvolver um melhor aprendizado;
Tirar dúvidas;
No caso da dúvida, não ter o suporte do professor, poder conversar e esclarecer a dificuldade do aprendizado;
De compreensão total dos conteúdos.
Ficar presente na aula o tempo todo;
Dificuldades com as tecnologias
Falta de conhecimento dentro das tecnologias;
Maior delas foi não ter professores que pudessem ensinar no manuseio com a ferramenta tecnológica;
Aprender a lidar com a tecnologia;
No início, várias, tenho ainda muita dificuldade com essa era digital e com os textos em PDF;
Muitas dificuldades
Todas

Fonte: Google Meet (LOPES, 2022)

Mediante o Quadro n. 4 é possível afirmar que os alunos, em cada eixo, apenas um respondente não levantou dificuldades, sim, 4 indica dificuldade em usar essas técnicas. Na sala de aula, como exemplo de falta de uso do conhecimento da ferramenta e 9 participantes relataram alguma dificuldade como: conforto, foco,



estudo, estressado e cansado na aula, precisa de apoio do professor e Um relatou dificuldade com tudo nesse período. Aliança Educação 4.0 com: saber lidar com isso com os outros, facilitação socioemocional, interdisciplinar, inovadora e protagonista, como itens essenciais que devem ser promovidos, nova cultura digital, os alunos perguntaram sobre seus papéis nas aulas remotas, os alunos insistem.

Quadro 5. Auto avaliação dos alunos

Protagonismo do aluno
Leitura constante
Me disciplinei
Buscar meios para melhorar nos estudos.
Busquei por mais leituras específicas
Buscando por meio de leituras e assistir vídeo aulas, pesquisas entre outros benefícios que a tecnologia nos oferece.
Busquei adquirir e desenvolver melhor minha autonomia, uma vez que todo resultado adquirido no final do semestre partiria exclusivamente de mim e da minha dedicação.
Estudo complementar após as aulas.
Reservar um tempo definido para os estudos
Tive que me esforçar mais para prestar atenção nas aulas, e ter força de vontade.
Me coloquei como a única responsável pelo meu aprendizado.
Disciplina, muita busca e constância
Me esforcei como pude, mesmo nas dificuldades remotas.
Busquei compreender todos os conteúdos que foram propostos
Procurava sempre fazer minhas próprias leituras e interpretações através de outros artigos que faziam referências ao mesmo material proposto pelo professor
Me dediquei e mesmo estando em casa tive o compromisso em me dedicar para estar aprendendo.
Utilizei do tempo que era maior para fazer pesquisas, estudar sobre assuntos diversos e principalmente ler os livros que estava parado na minha pequena biblioteca. Também aproveitei para fazer bastante estudos e anotações acerca da temática da linha de pesquisa do meu TC.
Tive que comprar o computador
Pesquisar muito sobre assunto
Me empenhei no estudo nos finais de semana.
Paciência
Me esforcei muito
Me dediquei bastante
Organizar meus horários de estudo, ser disciplinado e procurar cumprir com minha agenda e meu plano de estudo.

Fonte: Google Meet (LOPES, 2022)

Mediante o Quadro n. 5 é possível afirmar que os alunos, se engajar na leitura, análise e uso da tecnologia para seus Facilita a pesquisa e investe recursos, tecnologia. No entanto, é preciso considerar que, embora os alunos sinalizam quando



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



respondem à caixa n. 4 tem tudo difícil porque ele pode ser o protagonista em seu processo estudar? Além disso, é ainda necessário ter em conta que, como classe é composta de tecnologia e uma parte considerável? A pesquisa levanta a dificuldade de usá-los porque é possível? O protagonista aconteceu? Como um compromisso de leitura e pesquisa online na época, como no Gnutec (biblioteca virtual da UEG). Com essas notas, a tecnologia mudanças desencadeadas em como responder à inovação educacional mais alto. Visão geral, neste caso, use Tecnologia se torna ainda mais indispensável durante a pandemia nunca experimentou educação.

Na educação, professores e alunos também sofreram, e entre tantos outros problemas, pode-se caracterizar a falta de conexão com a internet, a dificuldade de integração de dispositivos digitais e até a falta de um aluno protagonista. Kato (2020) reitera que a trabalho do docente é bem mais convicta quando a interação entre professor e alunos nas aulas presenciais garante a conexão, o ensinar e aprender na Universidade é essencial para uma formação de qualidade, porém ficou inviável durante a pandemia da COVID-19. Assim mesmo, indica que jamais podemos deixar de desafiar o panorama da Educação 4.0 da sala de aula remota, como visa uma singular face da educação tecnológica no sistema de execução do conhecimento no cenário educativo que concorde a se instalar.

No inclusive momento, aprender as problemáticas e capacidades da educação presencial 4.0 a distância é crucial para conter essa organização e, principalmente, idealizar sistemas pedagógicos contribuintes ao processo com educação e aprendizagem, carregando neste exame a formação e o emprego docente. Logo, passa fundamental um sistema de esquema de novas dispositivos direcionadas a aval de uma sublime formação dos mesmos.



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



Considerações Finais

Como forma de apresentar considerações finais desse trabalho, retomamos o problema que se alicerçou em “Quais as dificuldades e possibilidades do Ensino remoto no Curso de Pedagogia da UEG?”

O tempo pandêmico fez com que a universidade ressignificasse a sala de aula e a aula, por meio do uso constante da tecnologia. Esse uso alia-se a Educação 4.0. Contudo, é preciso compreender esse movimento a partir do contexto social, econômico e político em que cada um está inserido. A par dessa situação, a presente pesquisa apresenta que os alunos

Agradecimentos

A UEG, pelo espaço de reflexão e fomento quanto à pesquisa.

Referências

FELCHER Carla Denize Ott; Folmer, Vanderlei. **EDUCAÇÃO 5.0: REFLEXÕES E PERSPECTIVAS PARA SUA IMPLEMENTAÇÃO**. SENID 2021. ReTER, Santa Maria, v.2, n.3. ISSN:2675-9950.

FÜHR, Regina Candida. Educação 4.0 e seus impactos no século XXI. **V CONEDU** – Congresso Nacional de Educação, 2018.

LOPES, Jeferson Rodrigues; BORGES, Nay Brunio and KOCHHANN, Andréa. “**Educação 4.0 e uso das tecnologias em aulas remotas: uma discussão teórico-empírica**”, International Journal of



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



Development Research, 12, (07), 57186-57191.

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



NUTROEDUCAÇÃO

Gilson Xavier de Azevedo ¹ (PQ)*, Flávia Ribeiro Xavier ² (IC)

1 Docente UEG Quirinópolis (gilson.azevedo@ueg.br). 2 Acadêmica UEG Quirinópolis
(flaviakauaetinga@gmail.com)

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é desenvolver uma pesquisa revisional sobre a questão da nutrição na educação escolar, considerando os aspectos da educação alimentar, do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e o papel da alimentação escolar em sua relação com o aprendizado e a superação de dificuldades de aprendizagem. Justifica-se esse estudo, pelo fato de que muitas das dificuldades que o Brasil enfrenta em relação às dificuldades de aprendizagem, advém da subnutrição ou desnutrição. O problema central é considerar como a alimentação escolar contribui para a constituição de identidades escolares na superação de dificuldades de aprendizagem e de problemas provenientes da desnutrição infantil. A hipótese padrão é pensar em uma estreita relação entre alimentação e aprendizagem, perpendicularizada pela alimentação escolar como ação superadora. A metodologia adotada é a de um estudo exploratório de caráter bibliográfico revisional. Espera-se por resultado ampliar o debate acadêmico, por meio da publicação e comunicações do tema, com a construção de um livro que subsidiará a formação de professores da UEG como um todo.

Palavras-chave: Educação alimentar. Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Aprendizagem.

Introdução

A alimentação é um dos fatores centrais para o desenvolvimento de todo e quaisquer indivíduos. Países subdesenvolvidos acabam tendo um índice de aprendizagem insatisfatório em decorrência da subnutrição de suas crianças.

No Brasil, a alimentação a alimentação de crianças na fase escolar é acompanhada pelo Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Trata-se de um programa suplementar à educação que objetiva fornecer alimentação escolar para os alunos de toda a rede de ensino matriculados em escolas públicas e inclusive



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



em escolas filantrópicas da educação básica, do Ensino Médio, educação de jovens e adultos e educação integral.

Por sua vez, o termo "alimentação escolar", refere-se às refeições adquiridas e oferecidas em escolas públicas com o objetivo de suprir as deficiências nutricionais de crianças e jovens. Para Silva (2018, p. 3): "um alimento é incorporado tanto no plano físico quanto no simbólico, ou seja, não cumpre apenas a função de nutrir mediante suas propriedades sensoriais e nutricionais, mas produz prazer, promove prestígio, inclusão e distinção social, mediante suas propriedades simbólicas".

Nos anos de 2019 e 2020, desenvolvi o projeto interno de pesquisa, incorporado ao projeto de extensão pela UEG, denominado NEUROPEDAGOGIA. As ponderações e produções construídas durante o referido projeto, percebeu-se a problemática da alimentação escolar como um fator de sucesso para a superação de dificuldades de Aprendizagem. Agora, a partir dos referenciais: TURINI (1978), SAWAYA (2006) e COUTINHO (2008), tenciona-se perceber o papel da alimentação escolar no viés da aprendizagem e superação de tais atividades.

Ao propor um estudo sobre a NUTROEDUCAÇÃO, o faço porque o tema é muito esparso na WEB, sendo trazido na forma de deficiências nutricionais, alimentação escolar, saúde alimentar, não incorrendo no formato que proponho. Desse modo, nota-se a relevância do mesmo para a formação de professores e em especial, para a formação de pedagogos.

Material e Métodos

O presente projeto de pesquisa, tenciona construir ao longo de sua execução, percepções na forma revisional e a partir de artigos científicos publicados na plataforma



SciELO e Google Acadêmico, bem como livros e pesquisas a que se tiver acesso.

Em uma pesquisa realizada no dia 02 de junho de 2020, foi feita uma pesquisa inicial nas bases mencionadas e os resultados foram oito artigos sobre alimentação escolar, compreendendo o período entre 2008 e 2018, a saber: ASSÃO (2014), CARVALHO (2008), CERVATO-MANCUSO (2013), CESAR (2018), DOMENE (2008), SANTOS; COSTA (2016), PAIVA, FREITAS e SANTOS (2016) e SILVA (2018).

Trata-se de uma pesquisa de maior duração que nasceu das muitas leituras e percepções construídas ao longo dos últimos anos, dado meu imbricamento com o tema nutroeducação. Tal pesquisa classifica-se como exploratória de caráter bibliográfico revisional. A análise dos materiais coletados via leitura, tem por finalidade enriquecer as leituras e a produção de cada um dos artigos que o projeto tenciona produzir, considerando ao seu final, a publicação de um livro que reunirá esses artigos.

Nesse sentido, para Gil (1999, p. 41), a pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses, pois envolve: levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos que estimulem a compreensão.

Para Eco (2007, p. 11): “se tiver ideias originais, estas virão à tona também no confronto com as ideias do autor tratado: muita coisa nova se pode dizer sobre a liberdade estudando-se a maneira como outro a abordou”. Outro fator ressaltado por Eco (2007, p. 17) que interessa ao escopo da presente pesquisa é a questão de saber ler os originais dos autores buscados, nem sempre disponíveis na língua mãe do pesquisador; sobremaneira quando se tratam de referenciais teóricos.

Para tanto, há que se assumir um caráter de cientificidade para se conseguir dispor sobre os muitos temas que estão no entorno desta pesquisa. Escrever cientificamente requer inspiração, tempo, disposição, fontes confiáveis, técnica na escrita, capacidade de relação e visão teórica do tema proposto. Para Eco (2007, p. 21) o estudo científico debruça-se sobre um objeto reconhecível e definido de tal maneira que seja reconhecível igualmente pelos outros como de importância para a ciência e nesse caso para as ciências das religiões.



Ainda para Eco (2007, p. 21) embora o estudo não precise ser inédito, deverá buscar um viés novo, recente ou mesmo inovador, além de ter certa utilidade para o objeto em si, para a comunidade onde o estudo acontece e para as ciências de um modo geral. Nesse caso, buscou-se analisar as representações de saúde/doença como forma de se entender a presença das benzedadeiras em um cotidiano racionalizado e localizar neste, o conjunto das práticas rituais.

O estudo deve fornecer elementos para a verificação e a contestação das hipóteses apresentadas e, portanto, para uma continuidade pública. (a) fornecer provas (pelo menos um osso da cauda, como se disse); (b) contar como procedi para achar o fragmento; (c) informar como se deve fazer para achar outros; (d) dizer, se possível, que tipo de osso (ou outro fragmento qualquer) mandaria ao espaço minha hipótese, se fosse encontrado (ECO, 2007, p. 23).

Além de tais pontos, ainda é preciso pensar nas fontes materiais da pesquisa, sejam elas os livros de comentários, os clássicos, os questionários, fontes de observação, dentre outros. As fontes de um autor podem ser acontecimentos históricos e seus objetos, livros. A distinção entre fontes e literatura crítica precisa estar bem clara, de modo a não confundir o discurso sobre as fontes utilizadas conforme já se mencionou anteriormente.

Resultados e Discussão

Tenciona-se produzir com o referido projeto, resultados que nos permitam rediscutir e redefinir algumas das práticas pedagógicas do curso de pedagogia da UEG Câmpus Quirinópolis e lançar ao final da execução deste projeto, um livro sobre as questões de aprendizagem pesquisadas e publicadas de maneira bibliográfica e em campo e ao longo desses dois anos. Assinala-se ainda a comunicação em eventos científicos da UEG e de outras instituições.

Considerações Finais



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



O estudo embora não seja simples e compreende sobremaneira revisões bibliográficas com produção de resultados na forma de artigos e comunicações, de modo que a estrutura de computadores e internet da unidade de Quirinópolis.

Além da biblioteca local da UEG Câmpus Quirinópolis, a base de dados SCIELO conta com inúmeros artigos sobre o tema e as tipificações pretendidas.

Referências

- ASSAO, Tatiana Yuri et al. Alimentação escolar: o que o desenho infantil revela. Rev. bras. crescimento desenvolv. hum., São Paulo, v. 24, n. 1, p. 98-105, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822014000100015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 02 jun. 2020.
- CARVALHO, Alice Teles de; MUNIZ, Vanessa Messias; GOMES, Josiane Fernandes and SAMICO, Isabella. Programa de alimentação escolar no município de João Pessoa – PB, Brasil: as merendeiras em foco. Interface (Botucatu) [online]. 2008, vol.12, n. 27, pp .823-834.
- CERVATO-MANCUSO, Ana Maria et al. O papel da alimentação escolar na formação dos hábitos alimentares. Rev. paul. pediatri., São Paulo, v. 31, n. 3, p. 324-330, Sept. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-05822013000300324&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 02 jun. 2020.
- CESAR, Josiane Tiborski et al. Alimentação Escolar no Brasil e Estados Unidos: uma revisão integrativa. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 991-1007, Mar. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232018000300991&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 02 jun. 2020.
- COUTINHO, Janine Giuberti; GENTIL, Patrícia Chaves; TORAL, Natacha. A desnutrição e obesidade no Brasil: o enfrentamento com base na agenda única da nutrição. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 24, supl. 2, p. s332-s340, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2008001400018&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 02 jun. 2020.
- ECO, U. Como se faz uma tese em ciências humanas, 6. Ed., Lisboa: Editorial Presença, 2007.
- GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



DOMENE, Semíramis Martins Álvares. A escola como ambiente de promoção da saúde e educação nutricional. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 19, n. 4, p. 505-517, Dec. 2008. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642008000400009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 02 jun. 2020.

DOS SANTOS, Sérgio Ribeiro; DE SOUSA COSTA, Maria Bernadete and TORRES DE PAIVA BANDEIRA, Geovanna. As formas de gestão do programa nacional de alimentação escolar (PNAE). *Rev. salud pública* [online]. 2016, vol. 18, n.2, pp. 311-320.

PAIVA, Janaína Braga de; FREITAS, Maria do Carmo Soares de e SANTOS, Ligia Amparo da Silva. Significados da alimentação escolar segundo alunos atendidos pelo Programa Nacional de Alimentação Escolar. *Ciênc. saúde coletiva* [online]. 2016, vol. 21, n. 8, pp. 2507-2516.

SAWAYA, Sandra Maria. Desnutrição e baixo rendimento escolar: contribuições críticas. *Estud. av.*, São Paulo, v. 20, n. 58, p. 133-146, Dec. 2006. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000300015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 02 jun. 2020.

SILVA, Edleuza Oliveira; Amparo-Santos, Lúgia; Soares, Micheli Dantas. Alimentação escolar e constituição de identidades dos escolares: da merenda para pobres ao direito à alimentação. *Cad. Saúde Pública* (Online); 34(4): e00142617, 2018.

TURINI, Tercilio Luíz et al. Desnutrição e aproveitamento escolar: estudo entre escolares da primeira série do primeiro grau da zona urbana periférica de Londrina, PR, Brasil. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 44-54, Mar. 1978. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89101978000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 02 jun. 2020..

REALIZAÇÃO

PRG
Pró-Reitoria de
Graduação

PRP
Pró-Reitoria de
Pesquisa e
Pós-Graduação

PRE
Pró-Reitoria de
Extensão e
Assuntos Estudantis



Universidade
Estadual de Goiás



SEICHO-NO-IE: RELIGIÃO, COMIDA E MEIO - AMBIENTE

Sabrina Iachinski (IC). Contato: sabrinaiachinski@gmail.com.

Universidade Estadual de Goiás, Campus Sul, Morrinhos

Resumo: Ao analisarmos os aspectos gerais referentes à alimentação de uma determinada sociedade, é fundamental que nos atentemos às especificidades históricas de um contexto alimentar específico. O Século XIX, em especial, foi palco de profundas transformações na forma como a humanidade se relaciona com a comida, desencadeando uma série de ansiedades até então sem precedentes, como por exemplo, a ausência do conhecimento da origem do alimento consumido. Logo, tornou-se necessário o desenvolvimento de novos mecanismos de saída para essas ansiedades que compõem a Modernidade Alimentar, entre os quais se destacam os discursos de teor religioso e ecológico. Diante disso, a proposta desse estudo é compreender a forma como a nova religião japonesa *Seicho-No-Ie* do Brasil (Lar do Progredir) vem se portando diante dessa complexa realidade alimentar, alinhando discursos espirituais e ecológicos. Esse estudo lançou mãos, como fonte, o livro religioso de receitas *Delícias de Dar Água na Boca* (2020), compilado por Viviane Tenório de Macêdo Hara, que une os princípios necessários para uma alimentação baseada no “Modo Feliz de Viver em Harmonia com a Natureza” segundo compreende a *Seicho-no-Ie*.

Palavras-chave: Modernidade Alimentar. Ecologia. *Seicho-No-Ie*.

Introdução

Ao analisarmos os aspectos gerais referentes à alimentação de uma determinada sociedade, é fundamental que nos atentemos às especificidades históricas do contexto alimentar. A justificativa para isso está vinculada ao fato de que as preocupações referentes à busca por comida ocupam um lugar central na forma como as sociedades se organizam em diferentes épocas, uma vez que se trata de um fator essencial para a manutenção da vida. Logo, quando uma organização social se transforma, a alimentação e as representações das práticas alimentares também se transformam.



As práticas alimentares experimentaram significativas mudanças ao longo de nossa história. Se o ator de comer, sentir fome, prazer e estar saciado são regularidades, os meios e as representações que revestem a alimentação são diversos e históricos. Como apontado pelo historiador italiano Massimo Montanari (2013), o primeiro ponto de virada da alimentação seria a mudança da economia de predação para a economia de produção, onde o ser humano passou a produzir o seu alimento, ao invés de apenas coletá-lo na natureza. O segundo ponto de virada, e o mais relevante para o nosso estudo, aconteceu em meados da segunda metade do século XIX, onde a comida se tornou industrializada e produzida em grandes quantidades, o que provocou diversas e profundas transformações na forma como o indivíduo se relaciona com o alimento e as práticas alimentares, como o um todo. Dessa forma, como explica o sociólogo francês Jean-Pierre Poulain (2004), a ansiedade característica da Modernidade Alimentar está relacionada especialmente às questões que dizem procedência do alimento e as consequências de seu consumo. Ainda segundo o autor, o indivíduo de nossa época experimenta a crise do aparelho normativo tradicional, que anteriormente regulamenta as práticas alimentares, e precisa diuturnamente enfrentar injunções diversas e muitas vezes contraditórias de natureza higienista, identitária, estética, hedonista e ambiental.

Entre as saídas para enfrentar a ansiedade alimentar moderna, algumas novas religiões e espiritualidades contemporâneas procuram ofertar coordenadas que vinculam a prática alimentar aos sentidos religiosos de mundo, dotando a mesa de sentidos e reencantando a comida. Entre elas, destacamos a *Seicho-No-Ie*, uma nova religião japonesa que atua no Brasil desde os anos de 1930 e que mistura, em uma grande panela de fé, os elementos das tradicionais religiões japonesas e as questões ecológicas a fim de ofertarem coordenadas alimentares cridas como seguras. Para nos determos sobre essas coordenadas, nos dedicamos ao livro de receitas *Delícias de Dar Água na Boca*, compilado por Viviane Tenório de Macêdo Hara, publicado em 2020.

Nosso propósito é responder à seguinte questão: de que maneira a *Seicho-No-*



le do Brasil responde às interpelações contemporâneas sobre as práticas alimentares saudáveis? Acreditamos que esse estudo poderá colaborar com outros esforços que pensam na emergência de coordenadas religiosas dedicadas a campos da experiência contemporânea, como a alimentação, que não receberam atenção satisfatória.

Material e Métodos

Ao longo de nossa pesquisa, nos debruçamos sobre as produções religiosas da *Seicho-no-Ie* que tratavam das práticas alimentares, como ênfase em *Delícias de Dar Água na Boca*, compilado Viviane Tenório de Macêdo Hara, publicado em 2020. Metodologicamente, partimos das orientações dos estudos de história e sociologia da alimentação (MONTANARI, 2013; POULLAIN, 2004) a respeito dos significados das práticas alimentares, ou seja, nos atentamos interpretativamente aos diversos sentidos de mundo, especificamente religiosos, que revestem o ato de comer em suas diversas dimensões: comensalidade, hospitalidade, nutrição e sabor. A elas acrescentamos a questão ambiental, que hoje ocupa um lugar importante nos debates sobre a boa alimentação e que, para a *Seicho-no-Ie* (MIRANDA, 2022; SILVEIRA; MIRANDA, 2021), está essencialmente relacionado à vida religiosa e à boa mesa.

Resultados e Discussão

O livro de receitas *Delícias de dar água na boca* (2020), compilado por



Viviane Tenório Hara, apresenta discursos religiosos e gastronômicos alinhando-se a postura ecológica promovida pela liderança de Masanobu Taniguchi, atual presidente mundial da *Seicho-no-Ie*. Esse fato é notável pela ausência de receitas que utilizam carne bovina, suína ou de aves, contendo apenas algumas poucas receitas que possuem peixes e frutos do mar entre os seus ingredientes, o que reforça a recomendação de não consumo de carne. Outro fator interessante do livro é o capítulo destinado a receitas elaboradas a partir de restos de alimentos, o que evita o desperdício de alimentos, além do estímulo ao consumo de frutas, verduras e legumes específicos de cada estação.

O teor religioso do livro está presente de maneira mais explícita nos textos introdutórios de cada capítulo, escritos por membros importantes do grupo religioso, sendo que o livro também apresenta a oração específica para ser realizada antes de cada refeição. Neles, sentidos de mundo do tipo religiosos, como a reverência aos antepassados, o agradecimento contínuo aos familiares e o despertar para o sagrado interior, são associados por seus autores à alimentação sadia e natural. A alimentação natural, segundo pensa a *Seicho-no-Ie* a partir de interlocução com o discurso ambiental, é aquela que não apenas evita o consumo de carne, como também o de produtos processados.

Considerações Finais

A história da alimentação é marcada por diversos tipos de riscos e ansiedades. Todavia, a Modernidade Alimentar trouxe novos desafios para esse cenário ao transformar nossa relação com a comida. As preocupações com o que se come somaram-se à formação de uma nova consciência ambiental, criando a necessidade de saídas de natureza diversas, entre elas aquelas que significam a mesa a partir de sentidos religiosos. Nesse plano, a *Seicho-no-Ie* destaca-se por alinhar discursos espirituais, a alimentação saudável e segura e o cuidado com a natureza.



Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador, João Paulo de Paula Silveira, por me aceitar como integrante desse projeto, por toda a sua paciência e pelo conhecimento compartilhado. Agradeço também à UEG e aos docentes do Curso de História pelos estímulos intelectuais, bem como todo o suporte prestado aos alunos. Por fim, agradeço ao apoio dos meus familiares e amigos.

Referências

DA MATA, Sérgio. **História e Religião**. Belo Horizonte, MG. Autêntica, 2010.

HARA, Viviane Tenório. **Delícias de dar água na boca**. São Paulo: Seicho-no-le, 2020.

MIRANDA, Gustavo Martins do Carmo. Seicho-No-le, deepy ecology e as particularidades da globalização nipônica: a comida sob a ótica da ética religiosa ambiental. **Religião e Sociedade**, v. 42, n. 2, 19 set. 2022.

MONTANARI, Massimo. **Comida como cultura**. 2º Edição. São Paulo: Senac, 2008.

PILCHER, Jeffrey M. **The Oxford Handbook of food History**. Londres: Oxford, 2012.

POLLAIN, Jean-Pierre. **Sociologias da alimentação**: os comedores e o espaço social alimentar. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004.

SILVEIRA, J. P.; MIRANDA, G. Do étnico ao ecológico. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 14, n. 41, 17 set. 2021.

TONON, Rafael. **A revolução da comida**: o impacto de nossas escolhas à mesa. São Paulo: Todavia, 2021.



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



A violência na obra de Eli Brasiense

Lenise Bueno Reis ¹ (IC)*, Maria de Fátima Oliveira (PQ).

¹ lenisebueno@gmail.com

Unidade de Ciências Socioeconômicas e Humanas Nelson de Abreu Junior. Av. Juscelino Kubitschek, 146, Jundiá, Anápolis/GO.

RESUMO: Esta pesquisa buscou investigar os diferentes tipos de violências abordados, na obra literária de Eli Brasiense (romancista goiano), de forma a confrontá-los com a historiografia regional. Nesse sentido, constatou-se – por meio da análise dos estudos realizados por autores como Pesavento (2003), Chartier (2000) e Barros (2010) – a importância da Literatura como fonte documental para a produção do conhecimento histórico, evidenciando-se, assim, quão profícuo pode ser o diálogo entre essas duas áreas do conhecimento. Ademais, para entender os enredos narrados pelo escritor Eli Brasiense, realizou-se a contextualização histórica, política e social de Goiás na primeira metade do século XX (período escolhido como recorte temporal). Dessa maneira, verificou-se que a violência foi empregada pelos políticos da região como um instrumento de dominação da população. A partir da leitura dos romances: *Uma Sombra no Fundo do Rio* (1977) e *Chão Vermelho* (1993), é possível notar que a criminalidade era um fator constante e elevado na vida do goiano na Primeira República. Conclui-se, assim, que a violência foi utilizada para o controle e manutenção do poder político, nas mãos de poucas pessoas, o que gerou a perpetuação de elevados índices de criminalidade em nosso território.

Palavras-chave: Literatura Goiana. Eli Brasiense. Criminalidade. História de Goiás.

Introdução

Observa-se que a narrativa literária constrói – por meio dos personagens, da linguagem, do tempo e do espaço – um enredo que representa uma determinada realidade. Dessa maneira, cabe ao historiador realizar uma investigação profunda acerca de todos esses elementos. Além disso, a literatura – considerada como uma forma de expressão artística de uma sociedade possuidora de historicidade – torna-se uma rica fonte documental histórica, na medida em que ela possibilita ao historiador enxergar diversas sensibilidades de uma época.

Nesse pensamento, verifica-se o quão profícuo pode ser o estudo da obra de Eli Brasiense (que é considerado um dos maiores romancistas goianos do século



XX), na construção do conhecimento histórico e na análise da presença da violência na sociedade goiana-tocantinense. Constata-se que Brasiliense descreve, em suas narrativas, que a vida em Goiás, no início do século XX, era regradada de trabalho, crimes e religiosidade. Já o poder era controlado por poucos, que utilizavam da violência como forma de impor seus interesses e manterem-se no poder. Assim, este trabalho analisou a relação entre a violência retratada na ficção de Eli Brasiliense com a violência praticada, na época e na região, em que o autor viveu e descreveu por meio da História.

Material e Métodos

A principal metodologia adotada neste trabalho foi a pesquisa bibliográfica. Inicialmente, realizou-se um levantamento sobre a vida e a obra do escritor Eli Brasiliense. Tal análise foi feita por meio de jornais e artigos *on-lines*. Recorreu-se, também, à obra de Nelly Alves de Almeida: *Presença literária de Eli Brasiliense* (1985). Posteriormente, buscou-se demonstrar, mediante a análise dos estudos realizados por autores como Pesavento (2003), Chartier (2000) e Barros (2010), a importância da literatura como fonte documental para a produção do conhecimento histórico, ocasião em que se compreendeu a especificidade do campo de cada área, suas aproximações e distanciamentos.

Após relacionar História e Literatura e verificar a importância do diálogo entre essas duas áreas do conhecimento, delimitou-se todas as formas de violências descritas, em duas narrativas, de Brasiliense: *Uma sombra no Fundo do Rio* (1977) e *Chão Vermelho* (1993). Nessa oportunidade, constatou-se que a violência era um componente constitutivo e permanente da estrutura política e social, em Goiás, na primeira metade do século XX.



Resultados e Discussão

A investigação da questão da violência, na obra literária de Eli Brasiense, e o seu confronto com a historiografia regional, possibilitou a compreensão das diversas formas de violências presentes, em Goiás, na Primeira República. Verifica-se que graças à literatura, é possível investigar social e culturalmente uma gama de informações que podem estar intrínsecas em uma obra. Por outro lado, a História motiva e inspira o escritor literário, já que o escritor utiliza a realidade histórica a serviço de suas próprias ideias (CHARTIER, 2000, p. 24). Sobre essa temática, Valdeci Borges (2010, p.98) esclarece que a expressão literária é uma forma de representação social e histórica, sendo testemunha excepcional de um período, pois representa as experiências humanas, os pensamentos, os sentimentos e diversas questões que permeiam a sociedade em diferentes épocas. Outrossim, Pesavento (2003, p. 83) defende que o historiador deve tomar a literatura a partir do tempo de sua escrita, do autor e da época em que foi produzida.

Extraí-se das narrativas de Brasiense que a vida, em Goiás, no início do século XX, era regrada de trabalho, crimes, rezas e crenças supersticiosas. O poder político e econômico era controlado por políticos (coronéis) que utilizavam da violência para alcançar seus interesses. Infere-se, também, que os crimes eram, em sua maioria, repugnantes e praticados com requintes de crueldade: “Uma ocasião viu o pai sendo sangrado por um jagunço do dono da terra, e seu entendimento se escureceu com tamanho choque. ” (BRASILIANSE, 1997, p. 50). Ademais, diversos crimes eram perpetrados por vingança privada, em que uma vez cometido o crime, a reação punitiva partia da própria vítima ou de pessoas ligadas ao seu grupo social e não do Estado. Depreende-se que a reação do ofendido (ou do seu grupo) era, normalmente, desproporcional à ofensa, ultrapassando a pessoa do delinquente, atingindo outros



indivíduos a ele ligados de alguma forma, acarretando frequentes conflitos entre toda a comunidade. Percebe-se que a polícia cometia diversas formas de abusos de poder e crimes, por exemplo, o assassinato e a tortura de pessoas. Outro ponto relevante é que aconteciam diversos crimes que sequer chegavam a ser investigados e aqueles que eram apurados, muitas vezes, tinham suas conclusões manipuladas de acordo com o interesse de quem estava no poder. Conclui-se que diversas pessoas eram acusadas e condenadas sem ser respeitado o devido processo legal. Portanto, inocentes eram condenados, presos, mortos e até mesmo torturados: “Contara uma história só, dia e noite, durante o interrogatório. Teve algumas unhas arrancadas a alicate, ameaça de vazamento de um olho com ponta de baioneta [...]. Ninguém tinha visto, e ele ficou com a culpa porque foi dar parte na polícia.” (BRASILIANSE, 1997, p. 60).

A autora Gracy Ferreira (1997, p. 45) ressalta a similaridade entre o coronel apresentado pela historiografia e o coronel representado na literatura regionalista goiana e tece alguns pontos comuns da análise historiográfica sobre o coronelismo goiano da literatura: todas as obras apontam para o fato de a violência ser um elemento cotidiano nas relações sociais envolvendo o coronel e sua clientela.

Com a leitura de *Chão Vermelho* (1993), comprovou-se que a violência estava presente não só na realidade, do interior do norte goiano, como também na vida do centro urbano do estado. Nessa narrativa, a sociedade, também, está estruturada com base no patriarcado e no machismo, de maneira que as mulheres são vítimas de diversas formas de violências domésticas e discriminadas em razão de seu gênero.

Considerações Finais

Diante da análise biográfica de Eli Brasiense e da leitura dos seus romances: *Uma sombra no fundo do rio* e *Chão Vermelho*, é possível compreender as diversas



IX Congresso de Ensino,
Pesquisa e Extensão da UEG



formas de violências presentes na sociedade goiana-tocantinense da primeira metade do século XX. Infere-se que a violência foi utilizada pela elite política como forma intimidação e manipulação da população. O regime político adotado incentivava o aumento da criminalidade e da desigualdade econômica e social no território goiano-tocantinense.

Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora Dra. Maria de Fátima Oliveira e à Universidade Estadual de Goiás (UEG) pelo incentivo à pesquisa!

Referências

ALMEIDA, Nelly Alves de. Presença **Literária de Eli Brasileira**. Goiânia: UCG, 1985.

BARROS, José D'Assunção. História e Literatura – novas relações para os novos tempos. **Revista de Artes e Humanidades**, n. 6, mai./out., 2010.

CHARTIER, Roger. Debate: História e Literatura. **Revista Topoi**, nº 1, pp. 197- 216. Rio de Janeiro, 2000.

BRASILIANSE, Eli. **Chão Vermelho**. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1993.

_____. **Uma sombra no fundo do rio**. Rio de Janeiro: Olympio, 1977.

FERREIRA, Gracy Tadeu da Silva. *O coronelismo em Goiás (1989-1930): as construções feitas do fenômeno pela história e pela literatura*. In: CHAUL, Nasr Fayad. O coronelismo em Goiás: estudos de casos e famílias. Goiânia: Editora Kelps, 1998. p. 45 -118. p. 85.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. In: **Revista História da Educação**. Vol. 22 n. 14. Pelotas: Universidade de Pelotas, 2003, p. 31-45.